



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS I**  
**CURSO DE TURISMO E HOTELARIA**

**GLEYCE KELLE SANTOS DO NASCIMENTO**  
**VICTORIA CONCEIÇÃO GOMES LEÃO DE ALBUQUERQUE.**

**O SERTÃO QUE VIROU MAR: AS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS DO AÇUDE**  
**DE COCOROBÓ/BA**

**Salvador**

**2014**

**GLEYCE KELLE SANTOS DO NASCIMENTO**  
**VICTORIA CONCEIÇÃO GOMES LEÃO DE ALBUQUERQUE**

**O SERTÃO QUE VIROU MAR: AS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS DO AÇUDE  
DE COCOROBÓ/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Turismo e Hotelaria da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Turismo e Hotelaria.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natália Coimbra de Sá.

**Salvador**

**2014**

**GLEYCE KELLE SANTOS DO NASCIMENTO  
VICTORIA CONCEIÇÃO GOMES LEÃO DE ALBUQUERQUE.**

**O SERTÃO QUE VIROU MAR: AS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS DO AÇUDE  
DE COCOROBÓ/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Turismo e Hotelaria da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Turismo e Hotelaria.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natália Coimbra de Sá.

Resultado: \_\_\_\_\_

Salvador, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

Comissão Examinadora:

---

Orientadora: Profa. Dra. Natalia Silva Coimbra de Sá – UNEB  
Doutora em Cultura e Sociedade (UFBA)

---

Banca Examinadora: Profa. Dra. Carmen Lúcia Lima Castro – UNEB  
Doutora em Cultura e Sociedade (UFBA)

---

Banca Examinadora: Profa. Dra. Lirandina Gomes Sobrinho – UNEB  
Doutora em Geografia (UFS)

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que fizeram parte da feitura desse trabalho.

Primeiramente a Deus, por nos conceder a graça da vida e as oportunidades.

Aos nossos pais que são verdadeiros anjos, pois nos guiam e nos ensinam a viver, sem eles nada seria possível. Aos demais familiares, por estarem presente e nos apoiaram durante a caminhada.

Aos professores do curso de Turismo e Hotelaria, pelo conhecimento construído em sala de aula ao longo dessa jornada, ensinando-nos não somente os saberes necessários para exercer a profissão, mas que nos inspiraram e nos fizeram evoluir como seres humanos. Em especial, ao professor e grande amigo Roberto Dantas, cujas visitas técnicas e seu modo peculiar de nos fazer pensar a história do Sertão de Canudos, fez surgir em nós a paixão por essa terra, de belezas inigualáveis e de força inestimável. Muito obrigada.

Aos colegas de sala, pelo companheirismo nos bons momentos e acolhimento nas horas difíceis. Sabemos que os laços construídos nesta fase serão levados para a vida.

Aos depoentes, pessoas de tamanha simplicidade que nos acolheram e nos ajudaram a enxergar melhor nosso objeto de estudo. Essa conquista também é de vocês.

A Rafaela Nascimento, nosso anjo do Colegiado que sempre nos recebeu bem, seja para compartilhar risadas, ou para nos ajudar a driblar barreiras, sobretudo burocráticas, dentro da Universidade.

A Juliane Vieira, cuja bondade e competência contribuíram para tornar esse trabalho completo.

E à nossa querida orientadora, Natália Coimbra, pelos ensinamentos transmitidos, a paciência em ouvir as dúvidas e as queixas e o carinho com que sempre nos recebeu.

*“[...] dizem que eu sou matuto  
que sou bicho bruto  
porque vivo lá no pé da serra  
nas águas do Cocorobó  
lá eu canto e me encanto  
lá faço meus versos  
solto minha voz  
meu grito de protesto  
lá eu sou pescador [...]”  
(Na beira do asfalto - Bião de Canudos)*

## RESUMO

O presente trabalho analisa as potencialidades turísticas do Açude de Cocorobó, localizado no município de Canudos/BA. Para que este objetivo fosse cumprido, foi necessário estabelecer a relação entre turismo e economia, descrever o turismo no município de Canudos e no açude, apontando seus principais atrativos, infraestrutura e serviços, e identificando possibilidades para o incremento do turismo no município, a partir do Açude de Cocorobó/BA, o qual, além da relevância histórica, pelo fato de ter sido palco de um dos maiores conflitos da história brasileira – a Guerra de Canudos –, representa importante fonte de geração de renda para as comunidades que vivem no seu entorno. Pretende-se com os resultados apresentados, contribuir para desmistificar a crença popular sobre o sertão como local marcado apenas pela pobreza e, sobretudo, divulgar o turismo no município de Canudos, buscando, ainda, despertar a população para o desenvolvimento local através das potencialidades turísticas do Açude de Cocorobó. Para que os resultados fossem alcançados, realizou-se uma pesquisa fundamentada por metodologia monográfica, histórica e descritiva, produzida através de revisão bibliográfica e visitas a campo. Para tanto, foram necessárias entrevistas com pessoas ligadas à atividade turística, bem como com representantes da prefeitura, do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), e com pessoas da comunidade local. Os principais resultados sinalizaram possibilidades de incrementos no setor do turismo no município de Canudos, a partir do aproveitamento navegável do Açude de Cocorobó.

**Palavras-chave:** Turismo. Economia. Desenvolvimento local. Canudos. Açude de Cocorobó.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Localização de Canudos.....	23
Figura 02 – Arraial do Bello Monte.....	25
Figura 03 – Vale da Morte/BA.....	30
Figura 04 – Entrada do Memorial Antônio Conselheiro.....	30
Figura 05 – Museu Histórico de Canudos.....	31
Figura 06 – Estátua de Antônio Conselheiro.....	32
Figura 07 – Araras-Azuis-de-Lear na Estação Biológica de Canudos.....	32
Figura 08 – Açude de Cocorobó.....	39
Figura 09 – Perímetro Irrigado do Vaza-Barris.....	40
Figura 10 – Cartão de visita da AAVB.....	41
Figura 11 – Artesanato feito pela AAVB.....	41
Figura 12 – Tilápia oriunda do Açude de Cocorobó.....	43
Figura 13 – Bar da Madalena na beira do açude.....	43
Figura 14 – Celebração Popular pelos Mártires de Canudos.....	44
Figura 15 – Ruínas da igreja da Segunda Canudos.....	45
Figura 16 – Roteiro Navegável nas Águas do Açude de Cocorobó.....	50

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 O TURISMO E SUA RELAÇÃO COM A ECONOMIA</b>	<b>13</b>
2.1 O ASPECTO ECONÔMICO DO TURISMO .....	13
2.2 O DESENVOLVIMENTO LOCAL E O TURISMO.....	16
2.3 DESENVOLVIMENTO LOCAL EM AREAS SEMIÁRIDAS .....	19
<b>3 O TURISMO EM CANUDOS</b>	<b>24</b>
3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DE CANUDOS .....	26
3.2 ASPECTOS ECONÔMICOS DE CANUDOS .....	28
3.3 A ATIVIDADE TURÍSTICA EM CANUDOS.....	29
3.3.1 Atrativos turísticos em Canudos .....	30
3.3.2 A infraestrutura e os serviços turísticos .....	35
<b>4 POTENCIALIDADES TURÍSTICAS DO AÇUDE DE COCOROBÓ/BA</b>	<b>37</b>
4.1 A CONSTRUÇÃO DO AÇUDE DE COCOROBÓ.....	37
4.2 A RELAÇÃO DA COMUNIDADE COM O AÇUDE DE COCOROBÓ. ....	39
4.3 POSSIBILIDADES PARA UM ROTEIRO NAVEGÁVEL.....	47
4.4 LIMITAÇÕES PARA UM ROTEIRO NAVEGÁVEL .....	48
4.5 PROPOSTA DE ROTEIRO NAVEGÁVEL.....	51
<b>5 CONCLUSÃO</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>55</b>
<b>APÊNDICE A – Entrevista com escritor</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICE B – Entrevista com morador e comerciante</b>	<b>62</b>
<b>APÊNDICE C – Entrevista com professor</b>	<b>63</b>
<b>APÊNDICE D – Entrevista com vereador de Canudos</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICE E – Entrevista com representante do DNOCS</b>	<b>65</b>
<b>APÊNDICE F – Entrevista com artesã do Vaza Barris</b>	<b>67</b>
<b>APÊNDICE G – Entrevista com presidente da Cooperativa dos Irrigantes</b>	<b>68</b>
<b>APÊNDICE H – Entrevista com representante da Prefeitura</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICE I – Entrevista realizada com gerente do Canudos Palace Hotel</b>	<b>70</b>
<b>APÊNDICE J – Entrevista com dona da Pousada Pôr do Sol</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE K - Entrevista com dono do Hotel Brasil</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICE L – Entrevista com comerciante</b>	<b>73</b>
<b>APÊNDICE M – Entrevista com pescador</b>	<b>74</b>

<b>APÊNDICE N – Entrevista com pescadora</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICE O – Entrevista com professor</b>	<b>76</b>
<b>ANEXO A – Representação geográfica da zona turística Caminhos do Sertão.</b>	<b>77</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país latino americano de proporções continentais. A sua diversidade pode ser percebida não apenas no aspecto cultural, fruto da colonização de diferentes povos, mas também, nas características geográficas presentes em cada região, as quais influenciam junto com outros determinantes, o modo de vida das pessoas.

Nas áreas litorâneas, a presença do mar, o clima úmido, a brisa, por exemplo, são elementos que contribuem para a formação da cultura dos seus habitantes e as suas opções de lazer. Já no interior de algumas regiões brasileiras, outros hábitos culturais são praticados em decorrência da irregularidade das chuvas, do clima quente, da vegetação seca e da distância dos grandes centros. As opções de diversão, em função desses aspectos, são na maioria das vezes, minimizadas ou até mesmo, inexistentes.

A região delimitada como Polígono das Secas, no nordeste brasileiro, retrata bem essa realidade. Trata-se do território que se estende do norte de Minas Gerais ao norte do Ceará, englobando todos os Estados nordestinos, exceto o Maranhão. Todos os estados localizados nessa zona pertencem à faixa denominada por semiárido, cuja característica marcante é a escassez de água e a vegetação de pequeno porte.

Algumas alternativas são usadas para aliviar o flagelo da seca, como a construção de açudes, que dentro desse contexto é bastante significativa. Quando devidamente edificado, este pode reter a água e a partir dessa concentração melhorar a vida da comunidade ao seu entorno, através de práticas agricultáveis, da pesca e das possibilidades de lazer, inclusive do turismo. O turismo acontece quando as pessoas se sentem motivadas a conhecer uma realidade diferente da sua habitual. Nessa busca, elas utilizam os produtos e serviços da localidade, a qual almeja revelar toda sua potencialidade e com isso se beneficiar socioeconomicamente.

No mundo e no Brasil alguns casos revelam como a construção de açudes além de atender ao objetivo maior – expresso na retenção de água para consumo humano e animal –, também pode, quando bem aproveitado, ser utilizado para fins turísticos representando uma opção de lazer para moradores e visitantes. Em Portugal, por exemplo, a barragem do Alqueva, edificada numa região rica em história, oferece além da navegabilidade e deleite dos aspectos paisagísticos, possibilidades para realização de atividades como a pesca, canoagem ou práticas de esportes radicais.

No Brasil, algumas experiências confirmam a possibilidade de incrementar a atividade turística a partir da utilização de lagos artificiais. A barragem do Sobradinho, localizada no norte do estado da Bahia, por exemplo, foi conformada a partir do represamento das águas do Rio São Francisco, visando o aproveitamento hidroelétrico do rio. O uso da referida represa, vai além da geração de energia, sendo, parte integrante do roteiro enoturístico “Vapor do Vinho”, onde visitantes, transportados numa embarcação típica da região, navegam pela barragem do Sobradinho até alcançar a Vinícola Ouro Verde.

O Açude de Cocorobó, objeto de estudo deste trabalho, apresenta possibilidades para a atividade turística a partir das suas águas. Localizado no município de Canudos na Bahia, o açude foi conformado a partir do represamento do rio Vaza Barris, em 1969, num sítio de reconhecido valor histórico – palco primacial da fratricida Guerra de Canudos (1896/1897) e cujas ruínas, somadas às da chamada “Canudos Pós-Conselheirista”, em períodos de pouca estiagem, ficam completamente submersas pelas suas águas. Além da relevância histórica, destaca-se a beleza singular do bioma caatinga que o abraça e circunda, somando-se a estes, os elementos e manifestações culturais de representatividade na região, como o artesanato desenvolvido pelas “Sertanejas de Fibras” e a Celebração Popular pelos Mártires de Canudos.

O estudo, por conseguinte, traz como tema: Análise das potencialidades turísticas do Açude de Cocorobó/BA. E será desenvolvido a partir da seguinte questão: Quais as potencialidades turísticas no Açude de Cocorobó/BA?

O trabalho tem por objetivo geral analisar as potencialidades turísticas do Açude de Cocorobó/BA. Os objetivos específicos, por conseguinte, são: estabelecer a relação entre turismo e economia; descrever o turismo no município de Canudos, e no açude, apontando seus principais atrativos, infraestrutura e serviços; e identificar possibilidades para o incremento do turismo no município a partir do açude de Cocorobó/BA.

Atentando para a potencialidade do lugar, pode-se afirmar hipoteticamente que se houver a valorização do açude como um atrativo associado à identidade de Canudos e como elemento de motivação cultural, a atividade turística poderá se desenvolver de modo a gerar renda para as comunidades ribeirinhas. Dentro dessa perspectiva o turismo sertanejo se apresenta como uma alternativa propícia, pois permite ao núcleo receptor participar ativamente dos rumos da atividade, colaborando assim para o desenvolvimento econômico local.

Este estudo pretende contribuir para desmistificar a crença popular sobre o sertão, estigmatizado pela falta de água, pela seca e consequente pobreza da sua região. Pretende-se também por meio desse trabalho, dar maior visibilidade ao potencial turístico do município de Canudos, uma vez que a região possui atrativos históricos vinculados à guerra de Canudos, buscando, contudo, despertar a população local para uma nova forma de desenvolver a atividade turística a partir do Açude de Cocorobó.

O método de procedimento geral adotado nesse trabalho é o bibliográfico, o qual coloca o pesquisador em contato com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (LAKATOS; MARCONI, 2003). O trabalho se configura como um estudo de caráter monográfico, histórico e descritivo. O método monográfico ou estudo de caso consiste em analisar de maneira completa a unidade social estudada, a qual pode ser um indivíduo, uma família, uma instituição ou mesmo uma comunidade (GOLDENBERG, 2004). Através da pesquisa monográfica foi possível conhecer o Açude de Cocorobó em sua totalidade, considerando as suas inter-relações no espaço onde está inserido.

A pesquisa histórica por sua vez, busca apreender os acontecimentos do passado para verificar o reflexo destes no presente (LAKATOS; MARCONI, 2003). Dessa forma, esse método possibilitou apurar os fatos históricos ligados à formação do Açude de Cocorobó compreendendo o papel dessa represa nos dias atuais.

Quanto ao objetivo, foram aplicados os estudos exploratório e descritivo. A pesquisa exploratória propõe uma familiarização com o fenômeno ou desvenda novas formas de percebê-lo (CERVO; BERVIAN, 2002). Assim, durante a elaboração desse trabalho, atentou-se para as possibilidades de desenvolver o turismo da região a partir da referida represa. O estudo descritivo por sua vez, estuda e descreve o objeto pesquisado (CERVO; BERVIAN, 2002). Com base nesse conceito, caracterizou-se o Açude de Cocorobó sem perder de vista a sua relação com a comunidade local e com a atividade turística no município de Canudos.

No tocante as técnicas de pesquisa, empregou-se a pesquisa documental em fontes primárias, a qual se constitui pela coleta de dados dispostos em documentos (LAKATOS; MARCONI, 2003). Deste modo, visitou-se o Departamento Nacional de Obras contra a Seca (DNOCS) localizado no município de Canudos/BA.

O estudo utilizou também a documentação direta, a qual se baseia na aquisição de informações no próprio local onde ocorrem os fenômenos (LAKATOS; MARCONI, 2002). Desta maneira, foi realizada a pesquisa de campo com intuito de responder ao problema e comprovar a hipótese, referentes a esta produção.

Outra técnica adotada foram as entrevistas, para tanto se considerou não apenas as pessoas de posição privilegiada na sociedade local ou destaque no mercado profissional, mas também aquelas que muitas vezes não são ouvidas. Assim foram entrevistadas pessoas envolvidas com o Açude de Cocorobó e com a atividade turística na região, como os representantes do: Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), da Associação de Pescadores do município de Canudos e da Associação de Artesãos do Vaza Barris (AAVB). Além dos residentes, administradores dos meios de hospedagem, especialistas do tema e do representante da Prefeitura de Canudos. As entrevistas foram registradas com auxílio de um gravador de áudio, mediante autorização prévia dos depoentes e transcritas *ipsis litteris*.

Para a elaboração do roteiro navegável foram considerados, sobretudo, os atrativos turísticos vinculados a imagem ou a memória da Guerra de Canudos. Desta forma, locais como o Parque Estadual de Canudos, Canudos Velho, o Museu Histórico de Canudos e as Ruínas da Canudos Pós Conselheirista foram contemplados. Além disso, a beleza da paisagem natural marcada pelo encontro da Serra do Cocorobó com o açude, e a singularidade do bioma caatinga o qual está inserido. Locais como o Bar da Madalena e o Jorinho (balneário), também foram acrescentados no roteiro a fim de tornar possível um maior contato entre o visitante e a comunidade local, através da cultura, principalmente no tocante a gastronomia.

Após a referida introdução, a segunda seção aborda o caráter econômico presente na atividade turística, do momento de sua consolidação até a atualidade, somado às maneiras que o turismo pode contribuir para o desenvolvimento local. A terceira seção coloca em evidência a contextualização do município de Canudos, sobretudo dos atributos que se relacionam com o turismo de maneira geral. A quarta seção analisa as potencialidades turísticas na região de Canudos para o desenvolvimento do turismo, a partir do Açude de Cocorobó, propondo em seguida um roteiro navegável. E por fim, são apresentadas as conclusões do trabalho.

## 2 O TURISMO E SUA RELAÇÃO COM A ECONOMIA

A formação do turismo está intimamente atrelada às características da economia capitalista, pautada no lucro e no acúmulo de capital. A essência dessa atividade se define pelo deslocamento de pessoas para lugares diferentes do seu habitual, incluindo todos os produtos e serviços por elas adquiridos no local de destino (MENDONÇA *et al* 2000).

A depender do modo como ocorra, o turismo pode trazer benefícios à comunidade receptora, como também, causar efeitos negativos na mesma. É o que acontece quando os aspectos socioeconômicos da atividade não são contemplados em primeiro plano. Com base nisso, Ultramari e Duarte (2009) chamam atenção para a necessidade de estruturar a atividade turística de forma adequada, considerando possíveis impactos no que diz respeito à cultura, ao meio ambiente.

### 2.1 O ASPECTO ECONÔMICO DO TURISMO

O turismo é uma atividade econômica relativamente recente e de caráter multidisciplinar, que foi se desenvolvendo de acordo com as necessidades vigentes de cada época. Com o passar do tempo, o desejo de viajar foi se intensificando, ao passo que as facilidades para acessar locais outrora inalcançáveis também possibilitaram a descoberta de novos lugares capazes de despertar o desejo de conhecimento.

Foi somente no século XVIII, com o advento da Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra, que o turismo adquiriu suas primeiras características perceptíveis na atualidade, a começar pelas viagens organizadas. Como exemplo, pode-se citar o *Grand Tour*; viagens de cunho educativo, realizadas, sobretudo por jovens abastados da elite inglesa. Esses deslocamentos objetivavam reafirmar o status desses viajantes, através do ganho cultural, sustentado pelo capital econômico (BRITO, 2005).

Tais viagens, inicialmente limitadas às pessoas mais abastadas, foram com o passar do tempo se popularizando. Como resposta às novas demandas decorrentes da proliferação dessas movimentações, surgiram as hospedarias, com intuito de acomodar os viajantes.

Posteriormente o turismo passou por uma nova fase, identificada por Dias (2007) como “capitalismo industrial”. A significativa expansão da atividade foi possível graças à evolução nos meios de transportes, com destaque para a malha ferroviária, o que levou muitos empresários a analisar como poderiam investir nessa nova forma de viagem (YOUELL, 2002).

As transformações desse período repercutiram também na vida dos operários, pois o desenvolvimento mecânico fez com que o trabalho humano fosse substituído pelas máquinas. Por outro lado, os operários conquistaram o direito a fins de semana e férias anuais para descanso (DIAS, 2003).

Pertinente ressaltar, que o tempo livre obtido pelos trabalhadores, foi gradativamente manipulado pela burguesia, a qual ensejava apenas a lucratividade, como colocado por Chauí (1999 *apud* BRITO, 2005, p. 28):

[...] inventando o consumo de massa de produtos de baixa qualidade e descartáveis, inventando necessidades fictícias de consumo por meio da indústria da moda, controlando o tempo livre dos trabalhadores com a indústria cultural, a do esporte e a do turismo – estruturadas em conformidade com as exigências do mercado capitalista [...].

Como exposto na citação, o sistema capitalista passou a criar necessidades de consumo, inculcando nas pessoas o desejo por mercadorias e serviços. Esse modelo de economia acabou se apropriando também do lazer e do turismo.

Por isso, especificamente durante os séculos XVII ao XX, novos valores de consumo foram criados, como afirma Brito (2005, p.26) em relação às montanhas “antes vistas, em meados do século XVII, pelos primeiros viajantes modernos como desagradáveis e arriscadas, na segunda metade do século XVIII, transformaram-se em objetos da mais elevada admiração estética”.

Aos poucos o turismo foi assumindo um papel relevante na sociedade, em que através dele seria possível se recompor do estresse ocasionado pela rotina dos centros urbanos. As viagens passaram a representar momentos mágicos de fuga do habitual, sendo cada vez mais incentivadas pela chamada “indústria turística” – uma expressão, cabe salientar, equivocada, haja vista que o turismo acontece a partir da prestação de serviços, diferenciando-se pois, do setor primário (agricultura) e do setor secundário (indústria).

Assim, o turismo passa a gerar fascínio não somente nas pessoas que o procuram para se distanciar de suas realidades e conhecer outras, mas também faz com que sociedades

geralmente excluídas vejam na prática a possibilidade de desenvolvimento e obtenção de melhor qualidade de vida. De acordo com MENDONÇA *et al* (2000):

A ênfase na análise econômica do turismo, especialmente seus benefícios, reflete a crença de que essa atividade permite um retorno rápido e distributivo dos investimentos que são efetuados em infraestrutura, tanto ao nível governamental quanto privado, transformando-se, assim, numa força positiva para “remediar” problemas econômicos.

Com as facilidades de comunicação, aperfeiçoadas em razão das inovações tecnológicas, o recém-estabelecido padrão de consumo passa a ser exigido em outras partes do mundo, como meio de desenvolvimento. Em sociedades conhecidas como “terceiro mundo”, o turismo passa a ser visto como algo salvador, onde seria possível pular a etapa do crescimento através da dita “indústria” e promover melhoria de vida através da atividade turística. Nesse aspecto, tais países, ávidos em utilizar o turismo como fomentador do progresso econômico, passam a “implementar programas de desenvolvimento turístico sem o devido planejamento e tampouco a realização de estudos prévios que contemplassem a [...] população dos locais onde estes empreendimentos foram instalados bem como os impactos ambientais” (BRITO, 2005, p. 51).

Contudo, na medida em que a atividade foi se propagando, chegando inclusive ao alcance da classe média, as preocupações com o meio ambiente tornaram-se mais efetivas, o que levou ao surgimento das iniciativas de planejamento. Eram graves os problemas devido à rápida urbanização; além do consumo descontrolado dos recursos naturais, o solo, a água e o ar estavam ficando comprometidos pela contaminação, entre outros problemas (DIAS, 2007). Como forma de conter esses agravantes, entra em cena o conceito de sustentabilidade, definido como:

[...] um processo de mudança social, que leva em consideração a sobrevivência adequada das gerações futuras e pressupõe uma coexistência simultânea e harmônica entre crescimento econômico, conservação ambiental, qualidade de vida e justiça social (SANT’ ANNA *et al*, 2001, p. 34-35).

Em linhas gerais, a sustentabilidade preza não apenas pela conservação ambiental, como também debruça atenção sobre as questões de ordem econômica e social. Pertinente ressaltar que, na medida em que as pressões internacionais se intensificavam em defesa do uso sustentável dos recursos, a indústria capitalista passou a se preocupar com a questão ambiental, levando em consideração apenas o fato de que o turismo se apropria da paisagem

para ser vendido, portanto era preciso cuidar do ambiente para manter a lucratividade do negócio (BRITO, 2005).

Pela própria história do turismo, é inimaginável concebê-lo sem seu caráter econômico. O desafio consiste em considerar de que forma essa atividade será executada e os impactos que ficarão para a comunidade receptora.

## 2.2 O DESENVOLVIMENTO LOCAL E O TURISMO

A primeira menção à palavra desenvolvimento começou a ganhar evidência no período pós Segunda Guerra Mundial, conhecido por “anos dourados do capitalismo”, caracterizado, principalmente, pelo aumento do consumo. Trazia em seu bojo a crença na possibilidade das sociedades pobres transformarem suas vidas, seguindo experiências dos países ricos. Segundo Coriolano (2012, p.62) o termo foi “construído pelos países dominantes que desejavam explicar as desigualdades entre os países sem entrar no mérito da questão, apenas responsabilizando-os por uma situação desvantajosa em relação aos países centrais do capitalismo”. Ou seja, os países ditos subdesenvolvidos eram vistos como ameaça em relação àqueles, cujo desenvolvimento já se encontrava em curso, foi neste sentido que o termo desenvolvimento adquiriu seu caráter atual e se generalizou.

Crescimento econômico e desenvolvimento são termos que estão inter-relacionados, porém não são recíprocos. Deste modo, uma sociedade pode apresentar considerável crescimento econômico, mas isso não quer dizer que, necessariamente, esta tenha atingido um nível positivo de desenvolvimento. Sobre isso, Muricy (2009, p. 33) afirma que

o crescimento econômico pressupõe um aumento da eficiência do sistema produtivo, que pode ser medido a partir de indicadores como o Produto Interno Bruto (PIB). Já o conceito de desenvolvimento é bem mais complexo e permeado por subjetividades e ambiguidades inerentes aos padrões culturais que definem o que é socialmente almejado por cada sociedade.

Devido à dificuldade em medir o nível de qualidade de vida das populações foi criado o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), onde podem ser mensurados itens como: longevidade, natalidade, alfabetização, acesso aos recursos, renda per capita, poder de compra, e outros aspectos, baseados no PIB per capita, ajustado ao custo de vida local, traduzida em poder de compra.

De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2013, p.27) o Brasil utiliza a metodologia do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), para classificar o desenvolvimento local, o que significa ajustar as diretrizes do IDH mundial à realidade das cidades brasileiras, considerando como principais componentes: a longevidade, a educação e a renda. O índice varia de 0 (zero) a 1 (um); quanto mais próximo do 1 (um) maior o desenvolvimento humano do município. A variação de 0 a 0,499 corresponde a muito baixo; de 0,500 a 0,599 é considerado baixo; de 0,600 a 0,699 significa médio; de 0,700 a 0,799 alto; e 0,800 a 1 o desenvolvimento humano é muito alto. O município de Canudos apresenta IDHM de 0,562 (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2013) considerado, portanto, na faixa de desenvolvimento humano baixo.

Tomando por base a subjetividade do desenvolvimento, Silva (1997, p. 18) defende que “o termo desenvolvimento no essencial, [...] deve designar um processo de superação de problemas sociais, em cujo âmbito uma sociedade se torna, para seus membros, mais justa e legítima”.

Entretanto, de acordo com a lógica dos países desenvolvidos, os países pobres, para alcançar o desenvolvimento, precisariam necessariamente espelhar-se nas experiências das nações mais ricas, ignorando sua estrutura e organização social. No entanto, a aplicação dessa teoria não prosperou, pois não foram considerados pontos como a diferença cultural das regiões e o cuidado com o meio ambiente. A preocupação com a questão socioeconômica só veio a aparecer no final do século XX, consolidando as primeiras ideias do que viria a ser o desenvolvimento local:

Assim, no desencanto da fórmula mais conhecida de desenvolvimento (sobretudo econômico), surgem propostas alternativas; [...]. Dentre as formas alternativas, tem-se o chamado desenvolvimento local, o qual, a despeito de realidades nacionais menos otimistas, aceita a ideia de haver áreas isoladas de sucesso em meio a regiões ou países extremamente pobres (ULTRAMARI; DUARTE, 2009, p.20).

Em se tratando de áreas isoladas, distantes dos grandes centros urbanos, o poder local, especificamente, assume um papel de grande relevância, pois os Estados Nacionais não dispendo de meios para atender às necessidades sociais mais prementes da população, transferem essa função para o governo municipal, e este por sua vez, repassa parte dessa responsabilidade à comunidade. É a partir dessa autonomia que a sociedade civil se organiza,

e vai à luta pelos seus interesses. A depender da sintonia existente na população local, o caminho para o desenvolvimento local começa a ser traçado, como mostra Coriolano:

O desenvolvimento local é aquele realizado em pequenos lugares de forma participativa, levando à mudanças socioestruturais, com **caráter endógeno**. Nele, os habitantes possuem relativa autonomia, para explorar o potencial do território que beneficie a maioria deles, e decidir como cada um pode contribuir com inovações. São os residentes os agentes principais do desenrolar de todo processo de desenvolvimento e zelam pela qualidade dos relacionamentos interpessoais, interinstitucionais, aproveitam as sinergias em benefício da coletividade (CORIOLANO, 2012, p.64, grifo nosso).

Desse modo, baseado no conceito anteriormente citado, a comunidade é o principal sujeito no desenrolar do desenvolvimento local. Além disso, durante o processo de transformação que ocorre de dentro para fora, as relações entre as pessoas envolvidas devem ser preservadas de modo a garantir que o desejo de todos se concretize. E nesta linha de raciocínio, Rodrigues (2007, p. 22), acrescenta que “[...] como marco endógeno há que se valorizar o capital cognitivo, cultural, simbólico, priorizando a memória coletiva, o patrimônio [...]”.

Algumas modalidades de turismo podem contribuir para a valorização e potencialização desses aspectos, como o turismo cultural, o qual requer a vivência entre as partes envolvidas (turista e o morador local), a apropriação de algo cuja existência esteja além da simples visão contemplativa (FUNARI; PINSKY, 2001).

Mas independente do segmento turístico, é necessário planejar a atividade considerando os benefícios advindos do seu aspecto socioeconômico, o qual pode representar uma ferramenta estratégica na valorização da cultura local, despertando na comunidade o interesse em cuidar desse patrimônio. Do ponto de vista ambiental e social Ultramari e Duarte (2009) abordam a importância da comunidade em zelar pela educação ambiental e desenvolver uma visão empresarial na relação com o turista:

[...] a falta de educação ambiental e de visão empresarial, [...] impedem que a população local enxergue além da vida cotidiana e perceba que essa vida tem um valor que pode ser explorado, se bem estruturado para tal. A falta de visão empresarial estende-se ao momento em que os turistas chegam ao local demandando serviços especializados [...] e os locais não tem preparo para montar e, muito menos, gerenciar esses negócios. Já a falta de educação ambiental impede que se veja o outro lado do crescimento econômico, advindo do aumento do fluxo de turistas, que pode se refletir na degradação ambiental, no desequilíbrio ecológico, na depredação do patrimônio histórico e na descaracterização da cultural local (ULTRAMARI; DUARTE, 2009, p.80).

Assim, considerando a complexidade presente no turismo, é importante que essa atividade seja pensada de maneira responsável. Para Ávila (2009, p.25) “o planejamento do turismo deve ser elaborado tendo como base o modelo de desenvolvimento que o setor público, o privado e os representantes da sociedade desejam para o destino”. Com base nisso, a implantação de políticas voltadas para o turismo, possibilita ao Estado conduzir a atividade de maneira articulada. Como destaca Dias, em sua análise sobre a política de turismo:

[...] as políticas de turismo, no sentido de uma ação empreendida com objetivo específico, existem de um modo geral, quando da existência da atividade turística. Uma política de turismo, formalmente instituída através de um documento norteador, pode ser inexistente, mas desde que existam medidas empreendidas pelo Estado, em que nível for, seja no sentido de orientar, regulamentar ou ordenar a atividade ou segmentos do turismo; existe uma política de turismo (DIAS, 2003, p.120).

Partindo desse ponto de vista do autor, as políticas de turismo, tem a função de gerir a atividade por intermédio de ações concebidas pelo Estado. Formular ações voltadas para o turismo, em uma determinada localidade, requer uma percepção ampla, capaz de considerar todas as interfaces do turismo.

Na prática, isso se constitui em um desafio, pois os indivíduos, por exemplo, são diferentes uns dos outros, de tal modo que o desenvolvimento para um determinado grupo pode ser bom, e para outro pode significar prejuízos. Interesses distintos podem ser percebidos no turismo de massa, caracterizado por Ruschmann (1997), como um turismo que mobiliza uma grande quantidade de pessoas para uma mesma localidade turística, as quais se deslocam em grupos ou individualmente, em um mesmo período de ano.

Pode-se afirmar que esse tipo de turismo será consideravelmente impactante em função do fluxo de pessoas envolvidas e pela quantidade de dinheiro gerada. Com isso é necessário perceber quem são os atores que realmente lucram com a atividade, além dos impactos sociais e ambientais que a comunidade receptora pode vir a sofrer. Para tanto, a implantação de políticas de turismo torna-se uma ferramenta necessária, pois pode orientar a atividade turística a partir de um planejamento responsável, minimizando a concentração de renda nas mãos dos grandes empresários e preservando os meios culturais e ambientais da localidade.

### 2.3 DESENVOLVIMENTO LOCAL EM AREAS SEMIÁRIDAS

Por em curso o desenvolvimento local, como exposto anteriormente, não é uma tarefa simples. Quando se trata de áreas semiáridas, a realidade é ainda mais delicada, sobretudo quando se observam algumas questões referentes ao desenvolvimento da região nordeste do Brasil como um todo.

Ao pensar na formação econômica do semiárido, devemos atentar para o trinômio gado-algodão-agricultura de subsistência. O primeiro momento ocorreu durante o ciclo do açúcar<sup>1</sup> o gado foi utilizado largamente para abastecer as zonas açucareiras. Com a crise do produto, a atividade se apoia, sobretudo, na subsistência, através da venda do couro e do abate, o que gerou uma considerável diminuição na renda do interior nordestino. A criação do gado está fortemente ligada ao povoamento de áreas longínquas, em que os pousos de viajantes, batedores de boiadas, aos poucos foram se tornando vilas e posteriormente cidades. O segundo momento é dedicado ao plantio e beneficiamento do algodão arbóreo, também chamado popularmente de mocó. Esta espécie se adaptou às carências e precariedades dos solos sertanejos, porém, sua produtividade era baixa (BRASIL, 2005).

Em termos de lucratividade, é interessante perceber como funcionava esse tripé, sobretudo no que diz respeito ao algodão. Ao pecuarista (dono de terras) era mais rentável ceder sua porção cultivável, para que o produtor (sem terra) nela trabalhasse. Ao final do processo, parte do algodão produzido ia para as mãos do pecuarista e a outra, comprada por ele mesmo a preços baixos, para ser no futuro vendida a preços elevados. Já o produtor, além de não ter terras próprias, vendia a sua parte na produção do algodão, ficando, assim sem capital para iniciar as próximas safras (ARAÚJO, 2014).

Segundo Ribeiro (1995, p. 345)

em outras áreas do Nordeste interior, populações excedentes do pastoreio dedicavam-se a atividades extrativistas, como a exploração dos palmeiros de carnaúba, para a produção de cera e de artefatos de palha, sempre pelo mesmo regime de meação com o proprietário. Essas atividades só puderam aliciar centenas de milhares de trabalhadores em virtude da miserabilidade das populações nordestinas, porque mesmo combinadas com a lavoura de subsistência, provêm uma renda mínima que apenas permite sobreviver.

Durante muito tempo, essa região brasileira não foi contemplada com políticas públicas, pois estas, em sua maioria, estavam focadas principalmente no desenvolvimento de

---

<sup>1</sup> Principal atividade econômica no Brasil durante o século XVI e início do século XVII.

áreas litorâneas, excluindo ou não valorizando as localidades interioranas do país. Alguns programas<sup>2</sup> ao decorrer do tempo surgiram com a finalidade de proporcionar crescimento econômico, porém, eram feitos de maneira equivocada, pouco condizentes com a realidade, fazendo com que a maioria dos planos falhassem devido à sua ineficiência ou falta de continuidade resultante de mudanças no cenário político. Sampaio (2008) respalda esse argumento, ao revelar que as políticas públicas oriundas das diferentes instâncias de poder, e motivadas em sua maioria pelos interesses de elites locais, geraram resultados pouco expressivos.

Para Neiva (2000), os fracassos das políticas públicas dirigidas ao sertão, ocorrem, sobretudo, em razão do descaso e desinteresse do governo em relação à realidade do local. Devido à falta de conhecimento, durante muito tempo se acreditou que a problemática central nordestina fosse a questão hídrica, onde uma das soluções seria a construção desenfreada de barragens, porém, o cerne da questão encontra-se, principalmente, nas questões fundiárias e nos poderes oligárquicos que perduram na atualidade.

O reflexo deste subdesenvolvimento ocasionado pelo abandono por parte dos poderes está explícito nos dados sociais da região. O nordeste representa 18,3% do total da extensão do país, abrigando 27,8% da população nacional, atrás apenas da região sudeste com 42,0% da concentração populacional (IBGE, 2013). A região é responsável por 13,4% do Produto Interno Bruto (PIB), e através da série histórica iniciada em 2002, percebe-se que desde o ano de 2005, esta, mantém sua participação entre 13,1 e 13,5% (IBGE,2011).

Segundo estudos do Plano Estratégico de Desenvolvimento Sustentável do Semi-árido (PDSA) (BRASIL, 2005), o semiárido nordestino no ano de 2002 correspondia a 43,4% da população da região Nordeste brasileira, com representação de 4,0% no PIB nacional.

Pelos dados expostos anteriormente, pressupõe-se que o desenvolvimento das áreas semiáridas depende de políticas precisas, que considerem as principais necessidades da população local, sendo fundamental a adoção de práticas sustentáveis capazes de associar os aspectos cultural, ambiental e social da realidade estudada.

Com base nesse contexto, algumas discussões acerca de um modelo de desenvolvimento sustentável para o semiárido, têm estado em proeminência na sociedade atual, através, por exemplo, da “Convivência com o Semiárido”. A qual pode ser entendida como, uma estratégia de desenvolvimento direcionada para o fortalecimento da economia

---

<sup>2</sup> Neiva (2000) nomeia alguns programas que surgiram a partir de 1950 com o intuito de combate à pobreza. Entre eles: Construção de açudes pelo DNOCS, PIN, PROTERRA, POLONORDESTE, SERTANEJO, PROHIDRO, PROCANOR, NORDESTE, S. VICENTE, Pe. CÍCERO.

regional através de processos dinâmicos, capazes de envolver a demanda, as potencialidades locais, sem perder de vista os aspectos ambientais (SILVA, 2006).

Partindo desse ponto de vista do autor, nota-se que a convivência com o semiárido, tem a função de dinamizar a economia, sem perder de vista os demais aspectos existentes nesse ambiente. O incentivo ao uso de recursos tecnológicos na irrigação, bem como ações de valorização da cultura local, por exemplo, devem ser contempladas.

O turismo com base nesse panorama pode contribuir para potencializar os recursos existentes na localidade, melhorando seus indicadores econômicos. Além disso, a atividade turística pode atuar como ação estratégica na preservação da cultura e no cuidado com o meio ambiente. Uma das vertentes do turismo, capaz de atender a essas demandas, debruçando um olhar especial sobre o semiárido, é o turismo sertanejo definido como:

uma forma de lazer fundamentada na paisagem natural, no patrimônio cultural e no desenvolvimento social das regiões interioranas do Brasil. [...] (possui) ênfase na valorização da identidade cultural e na melhoria das condições de vida da comunidade local (SEABRA, 2003, n.p.).

O turismo sertanejo se caracteriza pelo baixo custo e permite que o visitante interaja com o ambiente local e se integre com a comunidade residente, que compõe a mão-de-obra local, permitindo uma troca de experiências entre ambas as partes (SEABRA, 2003, p. 140). Esta forma de pensar o turismo permite que o núcleo receptor participe ativamente dos rumos da atividade, pois estes são responsáveis pelos meios de hospedagem que na maioria das vezes são em unidades familiares, além de fornecerem a alimentação de acordo com os costumes locais, beneficiando os pequenos produtores da região.

Contudo, para alcançar esses resultados é imprescindível primeiramente romper com o preconceito sobre a imagem negativa do sertão, pois mesmo diante desses aspectos, a cultura sertaneja é vista de maneira estereotipada, como aponta Vasconcelos (2007) ao abordar o modo como o sertanejo é concebido na capital soteropolitana:

nota-se que o estereótipo do sertanejo ainda perdura nesse espaço metropolitano, reduzido à imagem da seca, da migração e da ignorância, [...]. Essa visão é reforçada ao se produzir uma imagem hegemônica e oficial do estado, em que as belezas e os elementos ligados à modernidade se concentram em um só espaço – a capital e seu Recôncavo –, em contraponto a toda uma região culturalmente muito rica que passa a ser um desconhecido dentro de um mesmo território (estado) (VASCONCELOS, 2007, p. 23).

Assim, a visão reducionista acerca da cultura baiana, enfraquece a riqueza cultural do povo brasileiro que corresponde justamente à sua diversidade, representada também pelo semiárido.

Para vencer esse entrave, faz-se necessário, conhecer os sertões brasileiros com todas as suas especificidades, inclusive do ponto de vista histórico e cultural, pois são relicários da nação. Nos sertões, estão localizadas cidades que vivenciaram importantes momentos das diversas fases de formação do povo brasileiro, ricas também em patrimônio cultural e produções artísticas de grande representatividade, sendo constituído ainda por paisagens naturais deslumbrantes. Uma das formas de dar visibilidade aos atrativos existentes na localidade é inserindo-os em um roteiro turístico. Tavares (2002 *apud* CISNE; GASTAL, 2009, p. 09) comenta sobre essa importância:

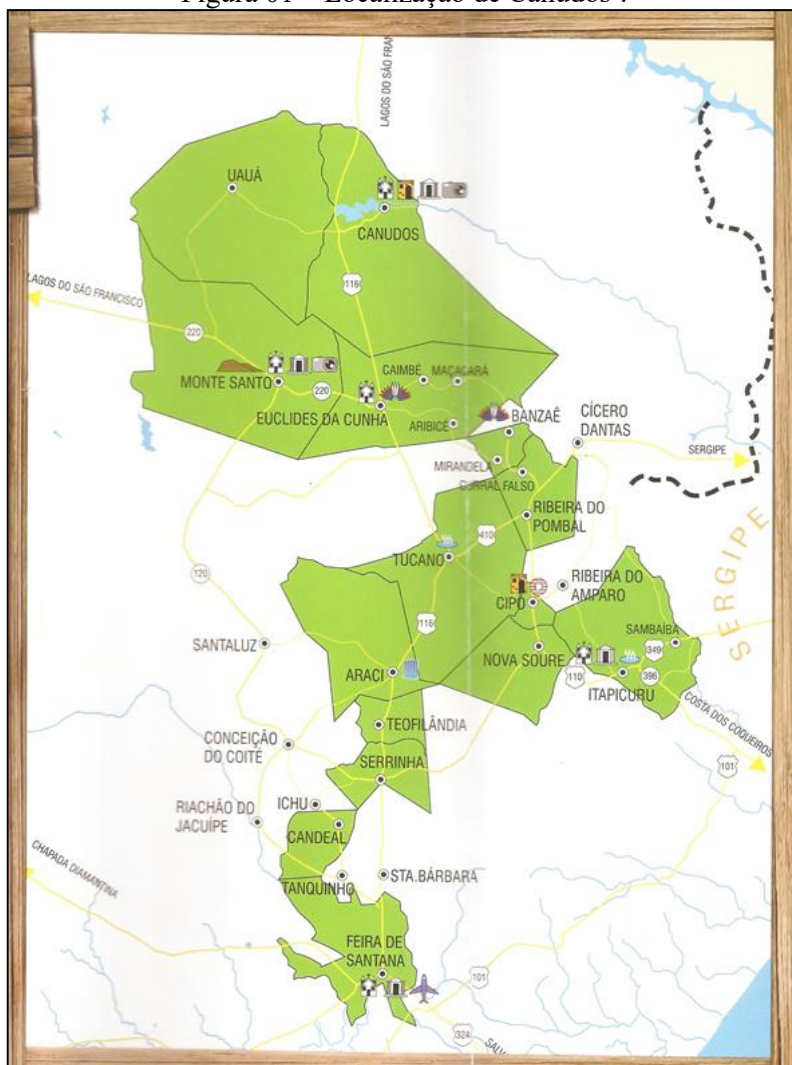
[...] o roteiro turístico é uma das principais formas de contextualizar os atrativos existentes em uma localidade e, conseqüentemente, potencializar seu poder de atratividade, o que pode dinamizar o potencial de atração turística da localidade. Nele, os atrativos estão inseridos em um contexto maior, mas, de forma geral, os roteiros são um atrativo em si só. [...] os roteiros não devem ser concebidos tão somente como uma sequência de atrativos a serem visitados, mas como uma importante ferramenta para a leitura da realidade existente e da situação sociocultural vigente na localidade.

O município de Canudos reúne características de relativo valor histórico e cultural, de modo que a implantação de um roteiro navegável poderia ensejar, entre outros benefícios, a melhoria dos seus indicadores sociais, especialmente os que dizem respeito a emprego e renda das comunidades locais. É o que será apresentado mais adiante na seção 4 desse trabalho.

### 3 O TURISMO EM CANUDOS

O município de Canudos está localizado no semiárido baiano, distante 410 km da capital Salvador (Figura 01). Possui limites intermunicipais com Chorrochó, Euclides da Cunha, Jeremoabo, Macururé, Monte Santo e Uauá, compreendendo uma área territorial de 3.214,3 km<sup>2</sup>, com população de 17.070 habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2014).

Figura 01 – Localização de Canudos<sup>3</sup>.



Fonte: Bahia (2014).

<sup>3</sup> A legenda dos ícones postos em Canudos significam, respectivamente: igreja, sítio histórico, museu e mirante.

Canudos está inserido na Zona Turística Caminhos do Sertão<sup>4</sup>, cuja delimitação foi feita pela Empresa Baiana de Turismo (Bahiatursa), sob a justificativa de que a região “vinha atraindo fluxos turísticos expressivos nas motivações de turismo religioso e histórico-cultural, sobretudo nos municípios de Monte Santo e Canudos” (BAHIA, 2005, p. 80).

Embora Canudos seja reconhecido como destino turístico, em razão de suas características históricas e culturais, apresenta ainda outras potencialidades pouco exploradas, como o Açude de Cocorobó – objeto de estudo desse trabalho.

Pelo fato de estar distante dos grandes centros urbanos, e de ser pouco divulgado, diferentemente do turismo praticado em áreas litorâneas, a atividade turística no município de Canudos acaba sendo prejudicada.

Os dados que serão apresentados a seguir foram obtidos a partir de pesquisas de campo e entrevistas realizadas com pessoas relacionadas direta ou indiretamente com o Açude de Cocorobó e com o turismo em Canudos, a exemplo do responsável pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS (localizado em uma área próxima ao açude), Wilson Rebelo de Araújo; da presidente e do pescador da Colônia de Pescadores Z-45, respectivamente Lucia Malaquias da Silva e Evaldo Malaquias, os quais dependem do açude para executar as atividades de pesca; do comerciante Manoel Travessa, responsável por um acervo histórico da guerra guardado no pequeno casebre intitulado “Museu Histórico de Canudos”, erguido no povoado do Alto Alegre, próximo ao sítio da Guerra de Canudos e, portanto, do açude; do professor e historiador Roberto Nunes Dantas, especialista na temática de Canudos e do escritor Eldon Canário, nascido na Segunda Canudos e que, assim como outros, tiveram que sair do local em função da construção da barragem.

Foram ouvidas também pessoas ligadas aos órgãos municipais de Canudos, como o vereador João Felipe Barbosa de Almeida e o representante da Secretaria de Cultura Esporte e Lazer, Rubenilson Macedo Souza. Ambos reconhecem a importância do açude para a economia e vida local.

Outras pessoas tiveram suas vidas transformadas em decorrência da construção do açude, como a representante da Associação de Artesãos do Vaza Barris, Maria Augusta, a qual realiza trabalhos artesanais com a fibra da banana retirada do perímetro irrigado pelas águas do açude; o presidente da Cooperativa dos Irrigantes do Vaza Barris, Isaque Miguel Silva, que percebe o açude como fator responsável pela melhora, em especial, da produção da banana e do coco; o comerciante José Dias Leite, que já gerenciou um restaurante em uma área de lazer

---

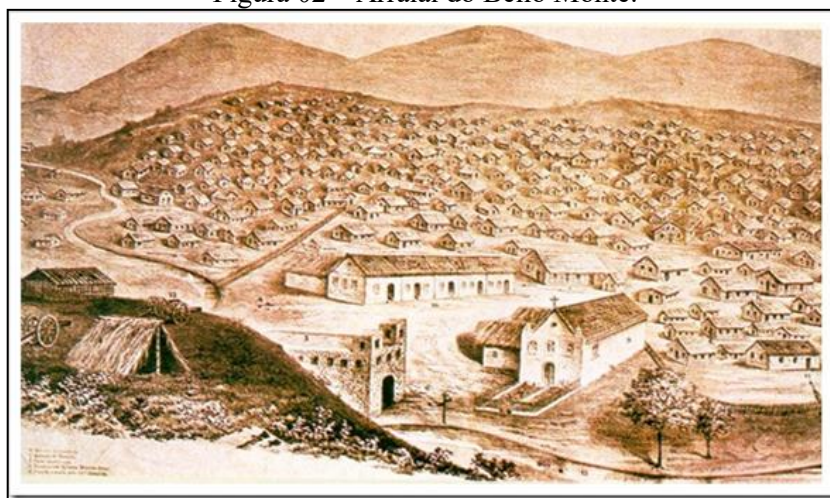
<sup>4</sup> Ver mapa oficial das Zonas Turísticas da Bahia no Anexo A.

próxima ao açude – o Jorrinho do DNOCS – e foi bem sucedido financeiramente. Além desses depoentes, outros ligados à atividade turística, como donos de meios de hospedagens, também participaram da pesquisa.

### 3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DE CANUDOS

Os aspectos históricos de Canudos estão intimamente ligados à figura do beato e líder religioso Antônio Conselheiro. Antônio Vicente Mendes Maciel nasceu na cidade de Quixeramobim, no Ceará, e peregrinou por várias localidades do sertão nordestino, reformando ou edificando igrejas e cemitérios, construindo poços, cacimbas, aguadas e distribuindo conselhos. Alcançou, em junho de 1893, as terras da antiga Fazenda Canudos, vizinha à Fazenda Cocorobó e fundou o Arraial do Bello Monte (Figura 02) (DANTAS, 2009).

Figura 02 – Arraial do Bello Monte.



Fonte: Seguindo... (2010).

Um local geograficamente privilegiado, banhado pelo rio Vaza Barris e cercado pelas imponentes serras de Cocorobó, Cambaio<sup>5</sup> e Canabrava. Sob a liderança de Antônio Conselheiro, estima-se que, à época, a população da vila ocupou o posto de 2ª maior população da Bahia (DANTAS, 2009), com aproximadamente 25 mil habitantes, perdendo apenas para a Capital, Salvador. Segundo os relatos do escritor Euclides da Cunha, no clássico “Os Sertões”, ao final da guerra da cidadela restaram apenas “um velho, dois homens feitos e

---

<sup>5</sup> Local de passagem de tropas da 2ª expedição, comandada pelo Major Febrônio de Brito, com destino ao Arraial do Bello Monte.

uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados” (CUNHA, 2002, p. 597).

Muitos foram aqueles que abandonaram suas moradias e trabalhos para viverem no Arraial do Bello Monte. Segundo Silva (1997), as principais motivações dessas pessoas eram a fé e a busca por amparo material. Todos que ali chegassem, sem distinção, tinham direito a um pedaço de terra para plantar, colher e cuidar dos seus filhos.

Canudos passou a incomodar as três principais instâncias representativas do poder da época: a Igreja, os proprietários de terras e a recém-instaurada República. Para a Igreja, significava a perda de fiéis; aos proprietários de terra implicava a diminuição da mão-de-obra nos serviços pastoris e agrícolas; e para a República recém-proclamada, significava a ameaça de restauração do regime monárquico. Estas forças unidas pressionaram o Governador Luiz Viana para que barrasse o crescimento do arraial.

O estopim da guerra de Canudos teria sido motivado em razão do surpreendente crescimento do Arraial e da necessidade de se construir uma nova igreja. De acordo com relatos da história, para finalizar o teto e o piso daquela que seria sua grandiosa obra, Conselheiro carecia de madeira específica e, embora tendo pagado antecipadamente, a mercadoria não chegava ao Arraial. Diante da situação, “Conselheiro mandou dizer que mandaria alguns canudenses ir buscá-la [...] ou que iria ele mesmo, caso fosse necessário” (COSTA, 1990, p. 25).

O juiz de Juazeiro, Arlindo Leôni, que havia acompanhado a quebra das ditas tabuletas de impostos, encorajada por Antônio Conselheiro em Natuba<sup>6</sup>, aproveitou a atual ocasião para vingar-se do peregrino (DANTAS, 2009). A partir desse ocorrido, é enviada pelo Estado a primeira expedição em novembro 1896, comandada pelo tenente Manoel da Silva Pires Ferreira, com a ordem de destruir o Arraial do Bello Monte. Depois dessa, outras três expedições se sucederam, até o arraial ser completamente dizimado em outubro de 1897.

Passados dois ou três anos do final da guerra, alguns remanescentes conselheiristas retornaram e, nas proximidades do mesmo sítio histórico em que fora edificado, em 1893, o arraial do Bello Monte, mais conhecido como arraial de Canudos, construíram a chamada Segunda Canudos, que teve vida efêmera, já que inundada, em 1969, para a conformação do Açude de Cocorobó, a partir do represamento das águas do rio Vaza Barris (DANTAS, 2013, informação verbal).

---

<sup>6</sup> Atual município de Nova Soure.

Segundo Boaventura (1997), à época, o local teria sido visitado pelo presidente Getúlio Vargas (década de 1940), que prometera um açude à comunidade. Embora essa afirmação seja contestada por outros estudiosos - como será detalhado no próximo capítulo desse trabalho – Posteriormente, as pessoas que viviam na segunda cidadela tiveram que se deslocar para o sítio vizinho (Cocorobó), em razão, portanto, da construção do açude.

### 3.2 ASPECTOS ECONÔMICOS DE CANUDOS

A atividade econômica de destaque em Canudos é a agricultura, através do perímetro irrigado do Vaza-Barris, que compreende uma área de 2.700 hectares (ARAÚJO, 2014, informação verbal)<sup>7</sup>.

A principal cultura de destaque na região é a banana, a qual se configura como importante produto de exportação, para Pernambuco, Alagoas, sobretudo para os estados da Bahia e de Sergipe (SILVA, 2014a, informação verbal)<sup>8</sup>. De acordo com estudo da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI, 2012)<sup>9</sup> as produções de destaque em Canudos, correspondentes ao ano de 2010, foram respectivamente: banana (11.250 t/ano); coco da baía (2.200 t/ano); mandioca (1.950t/ano) e feijão em grão (998t/ano).

A apicultura, processo de criação de abelhas para a produção de mel, também tem se destacado na região, se constituindo em um produto rentável para a população. Existe também, o projeto tanque-rede, funcionando como incentivo ao criatório de peixes, gerando renda para as pessoas.

O coco também é importante em termos econômicos para a região, em especial, pela produção de artesanato. Excelente para ser trabalhado, o uso da sua casca faz trabalhos perfeitos. As peças artesanalmente produzidas são também compostas por sementes nativas da região, como a cordinha do Caroá e o pereira<sup>10</sup> (MACEDO, 2014, informação verbal)<sup>11</sup>.

Em se tratando turismo, essa atividade pouco se destaca em termos econômicos. Contudo, como observado em campo, Canudos atrai visitantes e turistas que vão à região motivados principalmente pela história da guerra.

---

<sup>7</sup> Entrevista realizada com Wilson Rebelo Araújo, técnico de agropecuária e representante do DNOCS, no dia 1º de agosto de 2014.

<sup>8</sup> Entrevista realizada com Isaque Miguel Silva, representante da Cooperativa dos Irrigantes do Vaza-Barris, no dia 1º de agosto de 2014.

<sup>9</sup> Estatística dos municípios baianos: Sertão do São Francisco, 2012.

<sup>10</sup> Plantas típicas da caatinga muito utilizadas em artesanatos, pois suas folhas são resistentes, próprias para a confecção de cestos, esteiras, chapéus etc.

<sup>11</sup> Entrevista realizada com Maria Augusta Macedo, artesã de fibra e professora, no dia 1º de agosto de 2014.

### 3.3 A ATIVIDADE TURÍSTICA EM CANUDOS

O turismo praticado em Canudos tem forte vocação histórica e cultural, sobretudo baseado na imagem do beato Antônio Conselheiro, a qual traz à memória das pessoas a guerra, ocorrida nos idos finais do século XIX, entre 1896 e 1897 (DANTAS, 2009).

Um dos principais ícones do turismo histórico-cultural da Bahia, a cidade de Canudos guarda a história do maior conflito brasileiro do período republicano, a Guerra de Canudos. O cenário era o sertão. Os personagens, de um lado, eram homens e mulheres humildes que vinham de todos os cantos da Bahia e do Nordeste para seguir o beato Antônio Conselheiro. Do outro, o Exército brasileiro (BAHIA, 2011, p. 98).

Canudos recebe tanto visitantes nacionais quanto estrangeiros. De acordo com dados oficiais do Governo do Estado<sup>12</sup>, entre os visitantes brasileiros que chegam ao município, se destacam aqueles vindos dos estados da Bahia (69, 2%), seguidos de São Paulo (23,1%) e de Santa Catarina (7,7%). No que diz respeito ao público estrangeiro, Canudos recebe pessoas do Japão, da Inglaterra, Espanha, Alemanha, além de outros países. O período do ano que o município aumenta o fluxo de visitantes é o mês de junho, final de outubro e novembro (LEITE, 2014, informação verbal)<sup>13</sup>.

No tocante as ações dos órgãos do turismo, Estadual e Municipal, a gestão do turismo no município de Canudos, ainda se mostra incipiente. Mesmo sendo Canudos um município integrante da Zona Turística Caminhos do Sertão, percebe-se que pouco é feito em nível Estadual para o desenvolvimento do turismo no referido município. Os dados referentes à atividade turística em Canudos são escassos, além disso, o município carece de programas de auxílio ao desenvolvimento.

Em nível municipal, a ausência de uma Secretaria de Turismo em Canudos também dificulta a implantação de políticas de gestão voltadas para a atividade, pois não existem dados estatísticos sobre o turismo no local, o que impossibilita a formulação de um diagnóstico preciso a respeito das carências da região, conseqüentemente, a concepção de um prognóstico.

A gestão pública do turismo está ligada à Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer, ou seja, não existe uma secretaria específica voltada para a atividade turística, o que dificulta

---

<sup>12</sup> Pesquisa de Caracterização do Turismo Receptivo na Bahia – 2011, realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE). Etapa tradicional: Dezembro.

<sup>13</sup> Entrevista com comerciante local, José Dias Leite, no dia 1º de agosto de 2014.

a atividade o desenvolvimento do turismo no município. De acordo com as pesquisas realizadas em campo, essa situação ficou bem clara, no exemplo do Açude de Cocorobó. A prefeitura tem conhecimento do atrativo, das potencialidades, mas não tem uma política específica dentro do município relacionada ao açude (SOUZA, 2014, informação verbal).

Não existe também nenhum centro de informação turística no referido município. No que se refere ao serviço de guia, Canudos possui poucos condutores de visitantes. A ausência de agências de receptivo no município – capazes de intermediar o acesso de visitantes aos guias, prejudica o turismo na região, pois deixa de atender as expectativas de uma demanda existente. Outra problemática é a questão da capacitação das pessoas atualmente envolvidas nessa atividade, pois, apesar de recepcionarem bem, a experiência do turista poderia ser mais satisfatória caso houvesse melhor preparação destes agentes.

Os setores da sociedade envolvidos direta ou indiretamente com o turismo, como hotéis, restaurantes, bares entre outros, agem de maneira individual, ou seja não existe uma associação capaz de representá-los e de fortalecê-los enquanto empresários do ramo.

A divulgação turística de Canudos é feita pela Bahiatura em parceria com a Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (SETUR), através dos postos de informações distribuídos em pontos estratégicos na cidade de Salvador e por intermédio dos meios eletrônicos e materiais impressos. A promoção turística realizada por esses órgãos do Estado é mais voltada para a divulgação do principal atrativo vinculado à Guerra, o Parque Estadual de Canudos.

Ainda assim, a região possui outros atrativos, como a gastronomia, o artesanato, manifestações culturais, paisagens naturais, lugares estratégicos da cidade, capazes também de contar a história da guerra e de, assim, potencializar o turismo na região através também de outras perspectivas.

### **3.3.1 Atrativos turísticos em Canudos**

Ao realizar a pesquisa de campo foi possível observar alguns atrativos turísticos presentes na região estudada. O Parque Estadual de Canudos (PEC), administrado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), é indubitavelmente um dos principais atrativos do município, por guardar, em seus 1.321 hectares, importantes sítios históricos da Guerra de Canudos. Em sua área encontram-se trincheiras usadas por conselheiristas quando dos combates, o Vale da Morte (local de sepultamento) (Figura 03), Hospital de Sangue, Alto da Favela e a Fazenda Velha. O visitante, além de entrar em contato com aspectos históricos,

também pode conhecer espécies vegetais da caatinga. “O parque é o coração de Canudos, que exige visita obrigatória” (BOAVENTURA, 1997, p. 93).

Figura 03 – Vale da Morte/BA.



Fonte: Albuquerque (2013).

Além do PEC, o Memorial Antônio Conselheiro (MAC) (Figura 04), também administrado pela UNEB, guarda em seu acervo objetos utilizados por moradores do Bello Monte, como garrafas, botões e utensílios domésticos. Da mesma forma podem ser encontrados fragmentos de granadas, projéteis, tijolos e pedras do alicerce da Igreja do Bom Jesus.

Figura 04 – Entrada do Memorial Antônio Conselheiro.

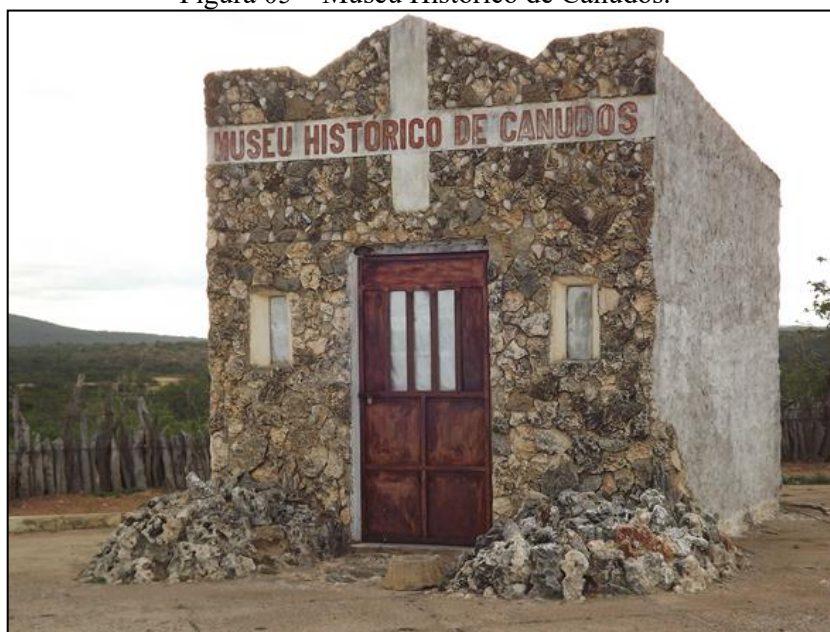


Fonte: Albuquerque (2013).

O jardim do MAC abriga plantas nativas do bioma catingueiro, típicas da região e descritas pelo escritor Euclides da Cunha (2002) em “Os Sertões”. Dentro do Memorial é possível conhecer o acervo bibliográfico e fotográfico sobre a Guerra de Canudos. O visitante tem contato ainda com produtos artesanais confeccionados pelas artesãs de fibras do rio Vaza-Barris.

Outros objetos da guerra podem ser vistos no Museu Histórico de Canudos, localizado em Canudos Velho<sup>14</sup> (Figura 05). De acordo com informações obtidas no local, o turismo, em especial nessa área, carece de maior valorização por parte dos órgãos responsáveis. O turismo de Canudos é aproveitado mais na cidade [conhecida como Nova Canudos, ou Terceira Canudos] do que no próprio palco onde houve a guerra [Canudos Velho] (TRAVESSA, 2014, informação verbal)<sup>15</sup>. Perto das antigas instalações do DNOCS, a caminho do Jorrinho, os turistas podem banhar-se na prainha do rio Vaza-Barris (BAHIA, 2011).

Figura 05 – Museu Histórico de Canudos.



Fonte: Albuquerque (2014).

<sup>14</sup> De acordo com Dantas (2009) Canudos Velho está localizada a 31km da atual Canudos.

<sup>15</sup> Informação obtida através de entrevista realizada com Manoel Travessa, comerciante, e responsável pela criação do Museu Histórico, no dia 31 de julho de 2014.

Outro atrativo turístico do município é o Mirante do Conselheiro. Nele existe uma estátua de Antônio Conselheiro (Figura 06), deste local é possível ter uma visão privilegiada da cidade e do Açude de Cocorobó. O local dispõe de infraestrutura, possui um restaurante, bares e banheiros (BAHIA, 2011).

Figura 06 – Estátua de Antônio Conselheiro.



Fonte: Albuquerque (2011).

A Estação Biológica de Canudos (EBC) (Figura 07) é um atrativo natural gerido pela Fundação Biodiversitas, “[...] a reserva, com 1.495ha, está inserida em uma área preservada do bioma Caatinga e possui o registro de mais de 180 outras espécies de aves da região.” (BIODIVERSITAS, 2014). O local é destinado à conservação das Araras-Azuis-de-Lear (*Anodorhynchus leari*) espécie endêmica ameaçada de extinção, que utiliza os paredões de arenito da Toca Velha – localizada na área da EBC – como abrigo para dormir e fazer seus ninhos.

Figura 07 – Araras-Azuis-de-Lear na Estação Biológica de Canudos.



Fonte: Biodiversistas (2014).

Além dos principais atrativos turísticos presentes em Canudos, existem também importantes manifestações culturais, as quais integram o calendário anual do referido município, como a Trezena de Santo Antônio, a Romaria da Terra e a Celebração Popular pelos Mártires de Canudos (esta última será apresentada na seção seguinte, pois ocorre na beira do Açude de Cocorobó, objeto de estudo desse trabalho)

A Trezena de Santo Antônio, que se dá de 01 a 13 de junho, reúne 13 famílias que são escolhidas para cuidar, a cada noite, dos seus festejos e ritos religiosos, sendo os seus membros chamados de noiteiros. Cada noiteiro, em sua respectiva noite, responsabiliza-se pelo preparo da comida, pela reza em seu lar, pela dança e comanda o leilão. Terminada a primeira parte da programação, os noiteiros, acompanhados de zabumbeiros, tocadores de pífanos, mulheres cantadeiras e demais partícipes levam o estandarte e o ramo para a igreja, onde uma missa é celebrada. Todo o trajeto é realizado com muita música e foguetório, sendo, portanto, uma celebração religiosa atrelada à cultura popular. A Trezena de Santo Antônio é um dos principais ícones religiosos da cidade de Canudos (DANTAS, 2014b, informação verbal)<sup>16</sup>.

Outra manifestação presente em Canudos, realizada no final do mês de outubro, é a Romaria da Terra, evento de cunho religioso com aspectos culturais, criado e organizado pelo Instituto Popular Memorial de Canudos (IPMC), instituição vinculada à Igreja Católica. Isso tem um significado interessante e até contraditório, porque a igreja foi a primeira instituição que perseguiu Antônio Conselheiro e passou a fazer a Romaria da Terra. Entretanto, a Romaria, ao invés de ser realizada na beira do açude, sítio mais próximo do local que fora edificado o arraial do Bello Monte e onde se deram os combates, acontece no Parque Estadual de Canudos, que é um equipamento da UNEB, onde estão demarcados, também, alguns sítios da guerra, a exemplo do Vale da Morte, do Alto da Favela, da Casa Velha do hospital de Sangue. Neste parque eles fazem encenações religiosas, em memória dos que morreram (DANTAS, 2014b, informação verbal).

Mesmo existindo diversos atrativos culturais, naturais e históricos em Canudos, para que a atividade turística se desenvolva é necessária a melhoria da infraestrutura e dos serviços turísticos já existentes, bem como a criação de equipamentos de atendimento ao turista para proporcionar melhor qualidade ao receptivo.

---

<sup>16</sup> Informação obtida através de entrevista realizada no dia 15 de outubro de 2014, em Salvador.

### 3.3.2 A infraestrutura e os serviços turísticos

Para que o turismo se desenvolva não basta apenas a existência de atrativos turísticos na localidade, é necessário também que haja infraestrutura na região visitada. A infraestrutura turística pode ser compreendida como um conjunto de instrumentos básicos para a prática da atividade. É o que possibilita um melhor atendimento das necessidades fundamentais e nela, estão englobados transporte, alimentação, acomodação, informação turística, hospitais, acessibilidade, entre outros. De acordo com Bahia (2011, p.45) “a região possui acessos pavimentados entre as principais localidades, além de serviços regulares de transporte rodoviário, energia elétrica, água potável e telecomunicações”.

Como relatado anteriormente, Canudos está distante 410 km de Salvador, capital do Estado. A principal forma de acesso é feita através do modo rodoviário. O visitante que sai de Salvador de carro deve seguir pela BR-324 até Feira de Santana, ao chegar à cidade, deve pegar a BR-116 Norte, passando por Serrinha, Tucano e Euclides da Cunha, deve seguir continuamente até o entroncamento do Bendegó, á direita, acessar a BR-235 até Canudos. Existe linha de ônibus direta para o município, disponível através da empresa São Luis no Terminal Rodoviário de Salvador.

Por intermédio das pesquisas de campo, observou-se a existência de quatro meios de hospedagem em Canudos. O Hotel Brasil, composto por 30 leitos, com a capacidade de acomodar 90 pessoas, pois um dos quartos tem estrutura para receber 16 hóspedes. Porém, o hotel não realiza o registro de hóspedes.

O Canudos Palace Hotel é um empreendimento relativamente novo na cidade. Equipado com 20 leitos, recebe na maioria das vezes hóspedes da capital Salvador, de São Paulo e do Rio de Janeiro, e poucos estrangeiros (VALE, 2014, informação verbal)<sup>17</sup>. Em relação à parceria com empresas prestadoras de serviços turísticos, o Canudos Palace Hotel é o único meio de hospedagem da região que com o serviço de um guia de turismo credenciado.

A pousada Pôr do Sol é um meio de hospedagem familiar com uma das melhores vistas do Açude de Cocorobó. Tem a capacidade de acomodar entre 40 a 45 pessoas, recebe uma média de 10 a 15 turistas por dia todos os meses (RABELO, 2014, informação verbal)<sup>18</sup>. Ainda com base nos relatos da entrevista, o fluxo de turistas aumenta, sobretudo nos momentos de Romaria, da Festa de Santo Antônio, no aniversário da cidade, e de momentos

---

<sup>17</sup> Entrevista realizada com Sivanildo do Vale, gerente do Canudos Palace Hotel, no dia 1º de agosto de 2014.

<sup>18</sup> Entrevista realizada com Joselina Oliveira Rabelo, aposentada e dona da pousada, no dia 1º de agosto de 2014.

variados motivados pelo interesse pela história. E a Pousada Marcelle, também de cunho familiar, dispõe de 20 leitos, porém seus administradores não registram a quantidade de hóspedes que recebem.

No que diz respeito aos restaurantes com infraestrutura para receber visitantes, existem dois: Deto churrascaria e o Bar da Madalena. O primeiro está localizado no centro da cidade e possui capacidade para receber 120 pessoas. O cardápio é baseado nos recursos naturais locais, grande parte vinda do Açude de Cocorobó, como peixe, camarão, banana, pimentão, coentro e tomate. Em entrevista com o dono do estabelecimento, o mesmo comentou sobre o atendimento prestado aos clientes estrangeiros: “Tem um deles aqui que pede um almoço, uma cerveja, que a gente não sabe nem o que é que ele está pedindo. Mostra com um dedo aí pra gente saber o que é.” (LEITE, 2014, informação verbal). O segundo estabelecimento está localizado na beira do Açude de Cocorobó, no povoado do Alto Alegre, e foi ampliado recentemente para melhor atender os clientes. Também oferece comida caseira e, além do serviço de alimentação, o local dispõe de chuveirões à disposição dos consumidores.

Cabe ressaltar a carência de estrutura e serviços em Canudos Velho, pois como citado anteriormente, existe apenas um restaurante (Bar da Madalena) com instalação adequada para atender ao turista, como apontado em uma das entrevistas:

o local onde houve o conflito não tem quase nada, não tem alojamento pro turista, não tem um hotel bom pra o turista, tudo tem que ir lá pra Cocorobó que não é Canudos Velho, tá entendendo? Então se vem uma vez uma pessoa pra Canudos Velho, tá há 30 e tantos quilômetros pra ir pra cidade, se alojar, dormir, comer. [...]. Que lá na cidade não tem nada a ver com a história. (TRAVERSA, 2014, informação verbal).

Pelas observações feitas *in loco*, nota-se que tanto a Terceira Canudos como a Canudos Velho, necessitam de maior investimento no tocante a estrutura e serviços para melhor receber seus visitantes e concomitantemente gerar emprego e renda para a população local, melhorando a qualidade de vida dos mesmos.

Sendo ainda importante demandar maior atenção a Canudos Velho, pois essa é a Canudos da guerra. A edificação de um centro de visitantes nessa localidade histórica, por exemplo, possibilitaria ao turista ter acesso as informações sobre os aspectos naturais, culturais, sociais e econômicos da região visitada.

## 4 POTENCIALIDADES TURÍSTICAS DO AÇUDE DE COCOROBÓ/BA

Ainda que tenha sepultado as ruínas e a história da Guerra de Canudos, o Açude de Cocorobó se caracteriza como importante meio de sobrevivência para as populações que dele dependem, pois através deste é possível pescar, plantar, abastecer as residências e alimentar os animais, mesmo em períodos de estiagem.

Contudo para uma melhor compreensão a cerca do açude, é importante entender, as discussões existentes, no tocante ao local preterível para construí-lo, bem como a representatividade desse ato para as comunidades que viviam no espaço escolhido para a edificação da represa.

Na sequência, após apresentar a relação da comunidade com o açude (nos dias atuais), um roteiro navegável será proposto, de modo a valorizar as potencialidades existentes da região, colocando a comunidade como principal sujeito desse processo.

### 4.1 A CONSTRUÇÃO DO AÇUDE DE COCOROBÓ

Após a destruição do Arraial do Bello Monte, em 1897, pelas forças republicanas, o sítio histórico da guerra começou lentamente a ser povoado, dando início, assim, a construção da chamada Segunda Canudos, conhecida também como Canudos pós-Conselheirista. Na década de 1940 essa nova cidadela foi visitada pelo presidente Getúlio Vargas e por outros representantes do poder ligados ao cenário político da época (DANTAS, 2013, informação verbal)<sup>19</sup>.

Durante a pesquisa de campo, alguns depoentes comentaram a respeito de uma possível relação dessa visita de Getúlio Vargas com a construção do açude, tomando como pressuposto as narrativas repassadas oralmente pelas pessoas. “O presidente, sensibilizado com toda questão de Conselheiro e da Guerra de Canudos, mas, sobretudo, pela pobreza do lugar, teria perguntado ao líder da comunidade – Senhor Isaías Canário - o que poderia fazer pela região de mais urgente. E o cidadão teria dito: um açude, seu doutor” (DANTAS, 2014a, informação verbal)<sup>20</sup>.

Outro representante político, que teria um possível envolvimento com a criação da represa, foi o Ex-Governador da Bahia, Otávio Mangabeira (1947-1951). Segundo entrevista

---

<sup>19</sup> Informação verbal fornecida em aula do curso “Antônio Conselheiro e o episódio Canudos” pelo professor Roberto Dantas no dia 21 de novembro de 2013.

<sup>20</sup> Entrevista com o professor, historiador e especialista na temática Canudos, Roberto Dantas, realizada no dia 31 de julho de 2014.

realizada com Eldon Canário<sup>21</sup> – nascido na Segunda Canudos –, “por volta do final da década de 40, Mangabeira visitara a região para analisar onde poderia ser feita uma barragem, havia um projeto do Governo do Estado de fazer uma irrigação para plantação de arroz” (CANÁRIO, 2014, informação verbal).

Ainda em depoimento, Canário menciona a chegada de um grupo de estudiosos do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) como passo inicial para a edificação da represa. “Um dia, chegou um grupo de pessoas lá, que as pessoas começavam a chamar Turma do Estudo, falando que iam fazer um estudo para construção de um açude” (CANÁRIO, 2014, informação verbal). A partir daí, teria sido questionado sobre onde construí-la – em Caipã (serra localizada acima de Canudos) ou em Cocorobó (serra localizada abaixo de Canudos). De acordo com Canário (2002) à época desse dilema, dizia-se que, se fosse em Caipã, Canudos viveria sob a ameaça de ser alagada a qualquer momento; e se fosse em Cocorobó, Canudos seria inundada.

Dessa forma, a construção da represa em qualquer um desses lugares implicaria em riscos para as comunidades em entorno. A diferença entre Caipã e Cocorobó é que, sendo nesse último, as ruínas da Segunda Canudos – portanto, memórias e registros marcantes da história brasileira – ficariam submersas pelas águas da represa.

Posteriormente, com a deposição do presidente Getúlio Vargas, os planos para a construção da represa pararam, sendo retomados com curiosa velocidade em 1964, quando os militares tomam o poder. Intencionalmente ou não, em 1969, o açude de Cocorobó é conformado a partir do represamento do rio Vaza-Barris. Para tanto, as famílias que viviam na Segunda Canudos foram obrigadas pelo governo a abandonarem suas casas para morarem na localidade próxima de Cocorobó, a qual ficou conhecida posteriormente como Nova Canudos, ou Terceira Canudos.

O deslocamento dos moradores para uma nova localidade representou não apenas a ruptura de um vínculo com a terra em que viviam, mas também um desafio, pois precisaram recomeçar suas vidas em um local estranho. Eldon Canário, nascido na Canudos pós-guerra, registra seu depoimento acerca desse fato:

É comum qualquer pessoa, acredito que com vocês acontece isso, mesmo que não morem onde nasceram, mas de vez em quando, [...] possam dar um pulo, rever parentes, a casa onde nasceu e morou, as pessoas com quem vocês brincaram. Nós não temos direito a isso, nós só pudemos visitar

---

<sup>21</sup> Entrevista com advogado e escritor, Eldon Canário, realizada no dia 23 de julho de 2014.

Canudos [...] quando acontece uma seca [...] (CANÁRIO, 2014, informação verbal).

É inegável a necessidade de açudes e outros meios que possibilitem a obtenção de água em regiões secas, como no sertão baiano. Porém, as estratégias que antecederam a construção da represa em Cocorobó não consideraram a existência da comunidade local e o sentimento de pertencimento das mesmas para com essa terra. Além disso, a escolha de realizar essa obra, precisamente no local onde ocorreu a Guerra de Canudos, evidencia o desrespeito à história. O historiador e especialista em Canudos, professor Roberto Dantas, assinala sua interpretação sobre o acontecimento:

[...] a sensação que temos é que com uma mão se deu água e com a outra se sepultou a história. Uma história de resistência popular ímpar no país, jamais igual em qualquer outro lugar, quando mais de 30 mil pessoas pereceram, perderam suas vidas lutando por um sonho, por uma utopia (DANTAS, 2014, informação verbal).

Se o episódio fatídico sobre a criação da barragem, considerando os relatos acima expostos, estivesse em debate nos dias atuais, provavelmente a represa não seria construída em Cocorobó. Na época do ocorrido, as pessoas não consideraram que a escolha do local sepultaria o que havia restado do Bello Monte (MELLO, 2011). Embora o Açude de Cocorobó tenha surgido a partir desses antecedentes históricos, a existência do mesmo trouxe mudanças significativas à população local, como será apresentado na seção seguinte.

#### 4.2 A RELAÇÃO DA COMUNIDADE COM O AÇUDE DE COCOROBÓ.

Com base nas entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo, percebe-se que a maioria dos depoentes afirma a tentativa do governo de apagar a história da guerra de Canudos. Contudo, em contrapartida ao ponto de vista da perda histórica, os mesmos asseguram que, atualmente, o açude é de vital importância para o município, pois é através deste que é possível a plantação, a pesca e o abastecimento de residências bem como pode ser visto na afirmação do comerciante local, José Dias Leite<sup>22</sup>: “eu acho que foi a melhor coisa que aconteceu na região aqui foi esse açude. Sem esse açude não existia essa cidade não” (LEITE, 2014, informação verbal).

---

<sup>22</sup> Entrevista realizada com comerciante local, José Dias Leite, no dia 1º de agosto de 2014.

O Açude de Cocorobó (Figura 08) possui a capacidade de acumulação de 245 milhões de metros cúbicos de água, com bacia hidráulica de 4.510 ha, e sua área drenada chega a 3 600 km<sup>2</sup>. Sua finalidade destina-se ao fornecimento de água para consumo humano e animal, irrigação de terras à jusante e à piscicultura.

Segundo informações obtidas do técnico agropecuário e um dos responsáveis pela chefia do DNOCS em Canudos, Wilson Rebelo de Araújo, o Açude de Cocorobó abastece todas as comunidades de Canudos e alguns municípios vizinhos (Uauá, Macururé e Euclides da Cunha), seja através da retirada direta de água ou por meio de carros-pipas.

Figura 08 – Açude de Cocorobó.



Fonte: Barreto (2010).

Junto ao açude, existe o Perímetro Irrigado do Vaza Barris (PIVB), o qual compreende uma área de 4.498,00 ha irrigáveis, segundo o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (2014). Com o objetivo de atender as necessidades de gestão, operação e manutenção do perímetro, foi criada a Cooperativa dos Irrigantes do Vaza - Barris. De acordo com o presidente da cooperativa, Isaque Miguel Silva<sup>23</sup>, a construção do açude trouxe melhorias significativas à população local:

O Açude Cocorobó foi quem veio trazer a nossa vivência aqui nessa região. [...] ai veio a irrigação que veio abraçar o povão pequeno que vivi sem opção nenhuma nessa região. Hoje todo mundo tá vivendo, não vamos dizer em certo nível alto, mas em nível de produtores médio, ai tá dando pra viver legal (SILVA, 2014a, informação verbal).

---

<sup>23</sup> Entrevista realizada com o presidente da Cooperativa dos Irrigantes do Vaza –Barris, Isaque Miguel Silva, no dia 1º de agosto de 2014.

As maiores produções do PIVB (Figura 09), segundo dados do DNOCS correspondem, por ordem de importância, à banana (14.400.000 kg produzidos), feijão *phaseolus* (14.400 kg produzidos), tomate-mesa (sem dados fornecidos) e melão semente (180.000 kg produzidos).

De acordo com Neiva (2000) a construção do Açude de Cocorobó trouxe relevante impulso à economia municipal e regional, pois através de suas águas que irrigam o perímetro, foi possível diversificar a produção.

Figura 09 – Perímetro Irrigado do Vaza-Barris.



Fonte: Albuquerque (2014).

A produção de banana, em especial, merece destaque, pois foi a partir dela que se originou a Associação de Artesãs do Vaza-Barris (AAVB). Um grupo formado exclusivamente por mulheres, que aproveitaram as fibras da fruta, anteriormente jogadas no lixo, para produção de artesanato (Figuras 10 e 11).

Figura 10 – Cartão de visita da AAVB.



Fonte: Albuquerque (2014).

Figura 11 – Artesanato feito pela AAVB.



Fonte: Barreto (2010).

A partir do relato da artesã de fibra, Maria Augusta Macedo<sup>24</sup>, nota-se a importância econômica da represa para a comunidade local:

[...] se esse açude não tivesse sido fundado, jamais isso aqui existiria e o potencial maior de Canudos, em termos de comércio é isso aqui. Sem o

<sup>24</sup> Entrevista realizada com a artesã de fibra, Maria Augusta Macedo, no dia 1º de agosto de 2014.

perímetro nós não teríamos a matéria prima que é a fibra da bananeira, que é o que mais se produz aqui. Então o açude, o perímetro, é de sumária importância, 100% para o desenvolvimento do nosso trabalho (MACEDO, 2014, informação verbal).

Para a exposição do artesanato produzido, a AAVB conta com um ponto fixo no Memorial Antônio Conselheiro. É dessa forma que visitantes e turistas adquirem o produto feito pelas artesãs. Sobre o percentual de vendas, a entrevistada expõe com precisão o sucesso desse trabalho: “Pra você ter uma ideia, no ano passado no Memorial foi vendido 18 mil reais só de artesanato! Só lá, fora o que a gente vende fora, então é percentual grande” (MACEDO, 2014, informação verbal).

Outra atividade de cunho econômico, desenvolvida a partir do Açude de Cocorobó é a pesca, onde é possível encontrar diversas espécies: tilápia, tucunaré, traíra, pescada, carpa e, em menor quantidade, tambaqui e camarão.

Para o representante da Colônia de Pescadores Z-45<sup>25</sup>, Evaldo Malaquias, “[o açude é indispensável para que a atividade de pesca possa ser desenvolvida]” (SILVA, 2014b, informação verbal)<sup>26</sup>. Ao ser questionado sobre o apoio de órgãos públicos e privados para o desenvolvimento da profissão, o entrevistado afirma que no passado já houve auxílio, mas que atualmente não há. Porém, diz que a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) recentemente distribuiu 250 tanques-rede para criação de peixes em gaiolas.

De acordo com explicação do representante do Departamento Nacional de Obras contra a Seca (DNOCS), Wilson Rebelo de Araújo, o processo dos tanques-rede ocorre da seguinte forma: “bota o peixe, vai botando ração pra eles (tipo granja de galinha) e com 6 a 8 meses você tira ele da gaiola com 800 gramas, 700, tem até de 1 kg. É uma geração de renda muito boa” (ARAÚJO, 2014, informação verbal). Ainda com base nessa entrevista, o depoente comentou sobre as visitas ao açude e ao perímetro irrigado.

[...] a cidade – como hoje depende muito do turismo, porque [...] além do açude- tem a Guerra de Canudos, que é o que mais se comenta dentro do turismo. Mas tem o perímetro irrigado que vem muita gente de fora, muitas escolas que vêm olhar como se planta o bananal, o coco [...] (ARAÚJO, 2014, informação verbal).

Importante esclarecer que independente do açude, as pessoas vão a Canudos, motivadas pela história da guerra, o que as leva naturalmente a visitar a referida represa e a

---

<sup>25</sup> Associação responsável pela representação dos trabalhadores da pesca no município de Canudos-BA. Atualmente conta com 231 membros.

<sup>26</sup> Entrevista realizada com Evaldo Malaquias da Silva, representante da Colônia de Pescadores Z-45, no dia 1º de agosto de 2014.

área ao seu entorno. Mas indubitavelmente o açude possui seu valor no tocante a produção de frutas, legumes e peixes.

Os pescados retirados do açude por sua vez, chegam aos restaurantes e outros estabelecimentos comerciais da região. A tilápia (Figura 12), em especial, é um dos pratos mais servidos no Bar da Madalena (Figura 13), localizado à beira do Açude de Cocorobó. Para Sérgio dos Santos Oliveira<sup>27</sup>, filho da proprietária do bar, a quantidade de peixe solicitada pelos clientes alcança uma média de 100 a 150 por dia. Ainda em depoimento, ele afirmou ser esta a única fonte de renda da sua família.

Figura 12 – Tilápia oriunda do Açude de Cocorobó.



Fonte: Conceição Junior (2012).

---

<sup>27</sup> Entrevista realizada com o comerciante Sérgio dos Santos Oliveira, no dia 11 de janeiro de 2014.

Figura 13 – Bar da Madalena na beira do açude.



Fonte: Nascimento (2014).

Além dos aspectos econômicos relacionados ao açude, existe também a parte cultural, expressa pela Celebração Popular pelos Mártires de Canudos (Figura 14), a qual ocorre no dia 05 de outubro na data referencial do final da guerra de Canudos. A manifestação cultural surgiu a partir do chamado Movimento Popular de Canudos na década de 1980 liderado pelo ex-Padre Enoque Oliveira e com participação de vários sertanejos. O evento envolve debates e seminários relacionados à história da guerra, tendo também uma parte religiosa realizada na beira do Açude de Cocorobó, próximo onde estão submersas as ruínas tanto do arraial do Conselheiro Bello Monte, quanto da Segunda Canudos. E nessa celebração os cantadores, cantores antigos, e artistas que sempre se identificaram com esse movimento, gratuitamente se apresentam (DANTAS, 2014b, informação verbal).

Figura 14 – Celebração Popular pelos Mártires de Canudos.



Fonte: Barreto (2013).

O Açude de Cocorobó é, portanto, significativo na vida das comunidades da região e dos municípios vizinhos. Peixes, frutas e legumes são obtidos, direta ou indiretamente da represa, e distribuídos pelos bares e restaurantes do município. Com a criação do açude, foi possível a implantação do perímetro irrigado e o desenvolvimento da forte cultura da banana, importante em termos econômicos, pois atende ao mercado do município e de outros estados, e também no aspecto cultural, em razão da produção do artesanato – importante expressão da cultura local. E o fato do açude ter sido construído em um local histórico, fez surgir a Celebração Popular pelos Mártires de Canudos, em memória aos conselheiristas.

Acredita-se, assim, que caso as potencialidades do açude sejam reconhecidas e estimuladas através da relação entre comunidade, órgãos governamentais e empresários, o turismo da região poderá ser melhor aproveitado.

Contudo, é necessário que a comunidade local seja escutada para que fiquem claras as expectativas e os interesses com a atividade turística, a fim de minimizar os impactos negativos e maximizar os positivos. O diálogo entre os diversos agentes do turismo deve ser mantido constantemente.

### 4.3 POSSIBILIDADES PARA UM ROTEIRO NAVEGÁVEL

O Açude de Cocorobó – objeto de estudo deste trabalho – possui potencial turístico principalmente para os segmentos histórico, cultural e náutico. Como exposto anteriormente, o açude está localizado no sítio histórico da Guerra Canudos, suas águas cobrem as ruínas da Segunda Canudos – cidadela erguida pelos sobreviventes da guerra – que, na época da estiagem, podem ser vistas e visitadas (Figura 15). Pelo viés cultural, a referida represa também possui forte relação com a Celebração Popular pelos Mártires de Canudos, evento de cunho religioso e cultural, realizado as suas margens “[...] o seu aproveitamento turístico possibilitaria a utilização não só pelos visitantes, mas também pela própria população hoje sem muito lazer” (BOAVENTURA, 1997, p. 66).

Figura 15 – Ruínas da igreja da Segunda Canudos.



Fonte: Santos (2012).

Além desses fatores, a paisagem ao entorno do açude – caracterizada pelo bioma singular da caatinga – o envolvimento da comunidade local, no que se refere ao aproveitamento da pesca, valorizando os recursos da região e da mesma forma, o perímetro da banana, cuja fibra as mulheres da Associação das Artesãs do Vaza-Barris aproveitam para a produção do artesanato, também se afirmam como potencialidades, capazes de serem melhor aproveitadas. Durante a pesquisa de campo, além dessas constatações, houve a intenção de verificar a possibilidade de um roteiro navegável pelas águas da represa.

Ao agregar essas potencialidades dentro de um roteiro navegável pelas águas do açude, têm-se a possibilidade de valorizar a história e a cultura local, além de gerar renda para os comerciantes da região, pois em se tratando de um roteiro, os bares e restaurantes existentes nas proximidades do açude, como o Bar da Madalena, por exemplo, poderiam além de divulgar a culinária local, obter uma maior lucratividade com os serviços prestados. Bem como o Museu Histórico de Canudos ter maior visibilidade e possivelmente maior visitação.

Outro espaço de lazer, situado próximo ao açude, que poderia ser aproveitado no roteiro navegável, é o Jorrinho, local que possui um balneário e um restaurante com comidas típicas. Como forma de inserir e divulgar o artesanato local, as artesãs de fibra, aproveitariam parte da estrutura desse espaço, para deixarem suas peças disponíveis para venda e ofertar ao visitante a oportunidade de produzir uma peça artesanal, proporcionando ao mesmo um maior contato com a cultura local.

Além da inserção de bares, restaurantes e da produção artesanal, a própria navegabilidade pelo açude, permitiria ao visitante, conhecer os atrativos turísticos submersos pelas águas da represa – as ruínas da Segunda Canudos – e aqueles situados ao seu entorno, como o Mirante do Conselheiro e o Parque Estadual de Canudos.

Contudo, ao sugerir a execução de um roteiro, como esse trabalho, propõe, não basta apenas identificar as potencialidades do local, é necessário conhecer os caminhos a serem percorridos para que esta proposta seja viável, como por exemplo, pensar em desenvolver o turismo em uma área que está sob poder da União. É nesse momento, que se faz necessário o diálogo, entre os diferentes atores envolvidos com o turismo, em especial a comunidade que utiliza o açude como meio de vida. Considerar o que pensa o pescador e a artesã sobre um possível roteiro navegável pelas águas do açude, é fundamental para que o turismo seja inserido de maneira responsável.

#### 4.4 LIMITAÇÕES PARA UM ROTEIRO NAVEGÁVEL

Alguns pontos devem ser cuidadosamente planejados no processo de construção de um roteiro navegável, em se tratando do açude, é necessário considerar, por exemplo, a utilização de embarcações, a sinalização dos atrativos, os impactos ambientais e, sobretudo, o interesse e o impacto social na comunidade envolvida etc.

O pescador Evaldo Malaquias, ao ser questionado sobre o que poderia ser feito para aproveitar o potencial do açude e atrair o visitante para tal, afirmou que

[...] não tem como você ter um açude como ponto turístico se não tiver embarcação de turismo para as pessoas passearem, criar algum tipo de estrutura dessa forma aí. A princípio é o que pode ser feito. Você tem um açude deste tamanho, você chega lá, dá uma olhada e tal, você não entra no açude, não conhece nada (SILVA, 2014b, informação verbal).

Conforme a fala do pescador, é perceptível a potencialidade navegável do açude, a qual, se posta em prática, poderá melhorar a experiência do visitante, sendo que esta atualmente fica limitada apenas a apreciação. Outro ponto importante citado por alguns dos entrevistados, diz respeito à necessidade de estrutura. De acordo com João Felipe Barbosa de Almeida, vereador de Canudos, já ocorreram algumas atividades no açude, como passeios pelas águas da represa, corrida de barco e atividades aquáticas, porém as mesmas não obtiveram êxito devida a falta de estrutura.

Naturalmente fazem-se necessárias além de embarcações de pequeno porte, instalações nas proximidades ou às margens da represa que sirvam como pontos de apoio, capazes de oferecer certo conforto aos interessados em praticar o roteiro navegável ou simplesmente contemplar a paisagem ao entorno. Sobre as necessidades do açude no tocante ao aproveitamento do turismo, Lucia Malaquias (2014, informação verbal), presidente da Colônia de Pescadores Z -45 expõe seu ponto de vista:

[...] teria que ter embarcações pra o visitante quando chegar, o guia também pra sair informando [...], e se fazer não sei nem bem lhe dizer, alguma estrutura que a pessoa possa vim e dizer: ali aconteceu isso em determinado ponto do açude, já que existiu uma guerra e antes não se tinha água. Em alguns locais ali por dentro tem vários confrontos, alguma coisa, que se fizesse [...] que, as pessoas quando chegasse pudesse ter um guarda [...] pra dizer ali aconteceu alguma coisa, ali aconteceu aquilo. Eu acho que só andar também não saber onde tá andando não quer dizer muita coisa.

De fato os atrativos localizados dentro do açude (as ruínas da primeira Canudos e da Canudos pós-Conselheirista) não possuem qualquer indício de sinalização, identificar essas ruínas, em períodos de cheia, torna-se algo complexo. Em se tratando de propor um roteiro navegável, essa questão precisa ser levada em consideração, como destacado também por outro depoente.

[...] é preciso você conhecer profundamente o local para não se perder, porque a quantidade de água é grande e você não fica sabendo direito onde era e nem onde ficava o local. Se por acaso, a igreja aparecer, vamos supor, você fica com uma orientação perfeita, aqui é a igreja, mas se não tiver, você não sabe onde é que fica isso, o Poço da Pedra no rio, a Oficina, você não faz ideia (CANÁRIO, 2014, informação verbal).

Uma das possibilidades de sinalizar as referidas ruínas considerando, por pressuposto, o período de cheia do açude, seria a utilização de boias. Dessa forma, o guia de turismo ao conduzir o visitante, poderia informá-lo com precisão características acerca do atrativo.

A preocupação com a intervenção do turismo na localidade ficou clara durante a entrevista realizada com o representante da Colônia de Pescadores, Evaldo Malaquias. Embora o pescador acredite nas potencialidades do açude, e perceba que atualmente a represa não está sendo aproveitada pelo turismo, ele alertou para os impactos que podem ser ocasionados pela atividade no meio, tais quais: o afugentamento de peixes causado pelo barulho das embarcações e o perigo das redes de peixe ficarem presas nas embarcações. Para tanto, seria necessário demarcar um espaço reservado para a pesca e outro para o roteiro.

Na concepção de um roteiro navegável é interessante também aproveitar a área ao entorno da represa, como forma de valorizar a localidade. Possibilitar ao turista, opções de lazer e um contato com a cultura da própria região. O Jorrinho, nesse sentido, pelo fato de estar próximo ao açude, poderia ser melhor utilizado, no entanto para isso, é necessário romper algumas barreiras referentes a administração deste espaço. Em entrevista com um dos comerciantes que administrou o restaurante do Jorrinho, o fato dessa área de lazer pertencer ao Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, constitui-se em um entrave na atração de investimentos e conseqüentemente, desenvolvimento no local:

Enquanto o Jorrinho for patrimônio do DNOCS ele não vai pra frente. Porque eu fiquei dez anos ali. [...]. Eu não tenho retorno de nada, se eu colocar lá, lá vai ficar eu não vou receber, não vou tirar. Então enquanto for do DNOCS ou não tiver um contrato de pelo menos 10 anos, ninguém vai investir ali (LEITE, 2014, informação verbal).

O representante da Secretaria de Esporte, Cultura e Lazer do município de Canudos, Rubenilson Souza, informou em entrevista sobre o encaminhamento de um contrato de concessão ao DNOCS, solicitando um prazo maior (entre dez a trinta anos), para intervir na melhoria desse balneário, visando assim incrementar o turismo em Canudos. Essa é a única possibilidade legal, segundo o depoente.

Um melhor aproveitamento desse espaço, além de proporcionar aos moradores da região, visitantes e turistas, um equipamento de lazer de qualidade, também poderia servir como meio de divulgar os produtos produzidos pela comunidade local, a exemplo do artesanato. O Jorrinho possui uma casa de taipa que poderia ser incluída em um dos roteiros com a finalidade de simular o modo de vida sertanejo. Essa casa, após uma reforma (pois

carece de maior espaço e ventilação), poderia ser um ponto estratégico de venda dos produtos artesanais, produzidos pelas artesãs de fibra. O local poderia ainda proporcionar ao visitante um momento de experiência, onde ele com auxílio das artesãs criaria peças artesanais.

Conforme citado anteriormente, a atividade turística gera impactos diretos nas sociedades que a recebe, no meio ambiente, na economia e na cultura. Para que estes efeitos sejam minimizados, faz-se necessário um planejamento prévio, que envolva o diagnóstico da situação atual, planejamento da estratégia, detalhamento dos impactos e plano de ação.

#### 4.5 PROPOSTA DE ROTEIRO NAVEGÁVEL

A existência de um roteiro navegável possibilitaria a valorização do respectivo sítio histórico submerso pelas águas do açude, bem como dos atrativos turísticos localizados próximos da referida zona de estudo. Além disso, esse aproveitamento, poderia se converter em uma opção de lazer também para os moradores locais, aproximando-os ao mesmo tempo do contato com a história e com os atrativos naturais existentes.

Assim pensou-se no roteiro descrito a seguir, que será ilustrado posteriormente (Figura 16). O visitante, acompanhado por uma guia de turismo – de preferência alguém da região devidamente capacitado –, sairia de barco do pé da serra do Cocorobó onde está localizada a barragem do açude, posteriormente desembarcaria e visitaria o Parque Estadual de Canudos, local que abriga importantes sítios históricos da Guerra de Canudos, como o Alto da Favela, o Vale da Morte, Hospital de Sangue, as Trincheiras Conselheiristas e o Pórtico do Parque. Dando segmento ao roteiro, o visitante teria a possibilidade de se aproximar das ruínas das igrejas da Segunda Canudos que estão submersas e, logo após, desembarcaria na Canudos Velho, para visitar o Museu Histórico de Canudos e o povoado do Alto Alegre alcançando o destino final: o Bar da Madalena, com degustação de pratos típicos da região, banhos de chuveiros e possibilidades de obter maior aproximação com pessoas da localidade.

Outra alternativa para este roteiro seria realizando-o pelo trajeto inverso, ou seja, o ponto de partida seria Canudos Velho; em seguida, as ruínas da Segunda Canudos; mais adiante, o Parque Estadual de Canudos e o pé da serra de Cocorobó; e, como destino final, a visita ao Jorrinho – espaço de lazer localizado próximo à represa e ao perímetro irrigado da banana. O Jorrinho é visitado por pessoas da região e por turistas, contudo, cabe salientar, carece de melhor infraestrutura e serviços.

Figura 16 – Roteiro Navegável nas Águas do Açude de Cocorobó.



Fonte: Vieira (2014).

## 5 CONCLUSÃO

Para que as potencialidades do Açude de Cocorobó possam ser aproveitadas, é necessário, sobretudo, desenvolver uma articulação entre os principais atores envolvidos na atividade turística, ou seja, faz-se necessário um diálogo entre o poder público, a iniciativa privada e a comunidade.

A concepção do Açude de Cocorobó como atrativo turístico ainda é algo incipiente, pois, embora as ruínas da Guerra de Canudos e da Canudos pós-Conselheirista sejam alvos de visitação, o açude em si, apresenta-se como algo alheio ao turismo realizado no resto da cidade. Os entrevistados, de uma maneira geral, possuem um entendimento semelhante quanto ao Açude de Cocorobó: reconhecem que a sua constru o ocorreu em área de relativo valor histórico, sabem da importância da referida represa nas suas vidas e têm o sentimento comum que o mesmo poderia ser mais bem aproveitado em face das suas potencialidades. No entanto, nada acontece de maneira palpável, mesmo passado tanto tempo de sua constru o.

Essa situa o reflete a ausência de políticas públicas. Por não existir uma Secretaria de Turismo em Canudos, o desenvolvimento da atividade fica condicionado a pontuais interven es da gestão Estadual do turismo, a qual, por não conhecer em detalhes a realidade do local, adota a es de efeitos superficiais e pouco eficazes, a exemplo da falta de sinaliza o em importantes atrativos turísticos.

O principal entrave ao desenvolvimento do turismo no município   a falta de articula o entre os agentes. Acredita-se que a partir do momento que houver o diálogo, e, principalmente, uma representa o da atividade turística englobando todos os atores, a mesma se fortalecer .

A partir da cria o de uma Secretaria de Turismo no município, a comunidade, os empresários e os profissionais da área, devem se articular e colocar em debate o melhor aproveitamento do Açude de Cocorobó, de maneira que o turismo sertanejo, pelas suas especificidades, seja uma realidade, sobretudo na vida da comunidade receptora. Para que isso não fique apenas na teoria, faz-se necessário também a inser o de investimentos no município, voltados para minimizar as fragilidades e intensificando potencialidades do local, visando não apenas os atrativos turísticos, mas toda a complexa infraestrutura turística exigida pela atividade.

Para que a proposta do roteiro navegável torne-se uma realidade,   necessário que primeiramente ocorra um estudo profundo sobre os impactos socioambientais que poderiam

ser gerados no açude com a prática. Paralelo a isso, julga-se importante o estabelecimento de diálogo com os pescadores e demais representantes das atividades ligadas diretamente ao açude, para que a implantação do roteiro seja, sobretudo, benéfica para a comunidade local. Há ainda a necessidade de tomar conhecimento de todos os processos burocráticos que envolvem as esferas governamentais, principalmente o DNOCS, órgão responsável pela administração dos açudes públicos no Brasil.

Durante a pesquisa de campo, pode-se perceber que a questão da distribuição de terras continua a ser uma realidade problemática no sertão de Canudos. Grande parte das terras do município pertencem à União, o que se torna um entrave à implantação e ampliação de equipamentos turísticos e de recreação, em especial no entorno da área estudada.

Assim, baseado nos atrativos existentes no município de Canudos, e nas potencialidades identificadas no tocante ao Açude de Cocorobó, pode-se afirmar que os aspectos geográficos, tais quais: o baixo índice pluviométrico e a vegetação xerófila, não minimizam o seu potencial de atratividade, pelo contrário, o torna ainda mais convidativo, pois que é diferenciado das demais ofertas comercializadas no mercado turístico.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Felipe B. Entrevista com vereador de Canudos. **Entrevista concedida às autoras**. Canudos, BA. 31 jul. 2014.

ALBUQUERQUE, Victoria C.G.L. **Perímetro Irrigado do Vaza-Barris**. Canudos, 2014.1 fotografia, color.

\_\_\_\_\_. **Cartão de visita da AAVB**. Canudos, 2014.1 fotografia, color.

\_\_\_\_\_. **Museu Histórico de Canudos**. Canudos, 2014.1 fotografia, color.

\_\_\_\_\_. **Vale da Morte**. Canudos, 2013 1 fotografia, color.

\_\_\_\_\_. **Entrada do Memorial Antônio Conselheiro**. Canudos, 2013 1 fotografia, color.

\_\_\_\_\_. **Estátua de Antônio Conselheiro**. Canudos, 2011.1 fotografia, color.

ARAÚJO, Tânia B. Economia do semiárido nordestino: a crise como oportunidade. **Revista Coletiva**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <[http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=68:economia-do-semi%C3%A1rido-nordestino-a-crise-como-oportunidade](http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=68:economia-do-semi%C3%A1rido-nordestino-a-crise-como-oportunidade)>. Acesso em: 07 out. 2014.

ARAÚJO, Wilson R. Entrevista com representante do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). **Entrevista concedida às autoras**. Canudos, BA. 01 ago. 2014.

AVILA, Marco Aurélio. Política e planejamento em cultura e turismo: reflexões, conceitos e sustentabilidade. In: AVILA; M (Org.) **Política e planejamento em cultura e turismo**. Ilhéus: Editus, 2009.

BAHIA, Viver. Viaje por um mundo chamado Bahia. Canudos não se rendeu. **Revista oficial de Turismo da Bahia**. Edição Especial 2011 – Ano 5 nº16 – Bahia – Brasil.

\_\_\_\_\_. Secretaria da Indústria Comércio e Mineração. **Turismo**. Representação geográfica da zona turística Caminhos do Sertão. Disponível em: <<http://www.sicm.ba.gov.br/Pagina.aspx?pagina=turismo>>. Acesso em 20 nov.2014.

\_\_\_\_\_. **Estratégia Turística**. O Terceiro Salto 2007/2016. Secretaria de Turismo. Salvador: Setur, 2011.

BARRETO, Rita K.. **Açude de Cocorobó/BA**. Canudos, 2010. 1 fotografia, color. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/ritabarretoba/5128784171/in/set-72157631590134296>> Acesso em 25 nov.2014

\_\_\_\_\_. **Celebração Popular pelos Mártires de Canudos**. Canudos, 2010 1 fotografia, color. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/ritabarretoba/5138997102/in/set-72157631590134296>> Acesso em 25 nov.2014

\_\_\_\_\_. **Artesanato feito pela AAVB**. Canudos, 2010 1 fotografia, color. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/ritabarretoba/6831262270/in/set-72157631590134296>> Acesso em 25 nov.2014

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Plano Estratégico de Desenvolvimento Sustentável do Semi-árido**. Brasília, 2005.

BRITO, Francisco Emanuel Matos. **Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina**. Salvador, EDUFBA, 2005.

BIODIVERSITAS. **Programa de Observação de Aves na Estação Biológica de Canudos, BA**. Disponível em: <<http://www.biodiversitas.org.br/canudos/alojamento.asp>>. Acesso em: 16 de nov.2014

\_\_\_\_\_. **Araras-Azuis-de-Lear na Estação Biológica de Canudos**. Disponível em: <<http://www.biodiversitas.org.br/canudos/fotos.asp>>. Acesso em: 5 de dez. 2014.

BOAVENTURA, Edivaldo. **O Parque Estadual de Canudos**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 1997.

CANÁRIO, Eldon. Entrevista com escritor. **Entrevista concedida às autoras**. Salvador, BA. 23 jul. 2014.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5ª Ed. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 2002.

CISNE, R; GASTAL, S. **A produção acadêmica sobre Roteiro Turístico: um debate pela superação**. Disponível em: <<http://www.anptur.org.br/ocs/index.php/seminario/2009/paper/viewFile/246/23>>. Acesso em: 23 de nov. 2014.

CONCEIÇÃO JUNIOR, Edjan B. **Tilápia oriunda do Açude de Cocorobó**. Canudos, 2012.1 fotografia, color.

CORIOLANO, Luiza Leite. A contribuição do turismo ao desenvolvimento local. In: PORTUGUEZ, A; SEABRA, G; QUEIROZ, O (Orgs.) **Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local**. João Pessoa: Editora UFPB, 2012.

\_\_\_\_\_. **Do local ao global: o turismo litorâneo cearense**. Campinas: Papius, 1998.

COSTA, Nicola S. **Canudos: ordem e progresso no sertão**. 4ª. ed. Moderna. São Paulo, 1990.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**, São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

DANTAS, Roberto N. **O peregrino e o arraial resistente: breves notícias de Conselheiro e Canudos**. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2009.

\_\_\_\_\_. Informação verbal fornecida em aula do curso “**Antônio Conselheiro e o episódio Canudos**”. 21 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Entrevista com professor. **Entrevista concedida às autoras**. Canudos, BA. 31 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. Entrevista com professor. **Entrevista concedida às autoras**. Salvador, BA. 15 out. 2014.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA A SECA. **Açude Cocorobó**. Brasil. 2014. Disponível em: <<http://www.dnocs.gov.br/>>. Acesso em: 11 mai. 2014.

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do turismo**: política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2003

\_\_\_\_\_. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Atlas, 2003

\_\_\_\_\_. **Turismo Sustentável e Meio Ambiente**. 1 ed. 3 reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

FUNARI, P; PINSKY, J. **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: contexto, 2001

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. **Bahia (265 municípios do semi-árido)**. Recife. 2014. Disponível em: <[http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1149%3Abahia-265-municipios-do-semi-arido&catid=75&Itemid=717](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1149%3Abahia-265-municipios-do-semi-arido&catid=75&Itemid=717)>. Acesso em: 12 mai. 2014.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS (FIPE). **Pesquisa de Caracterização do Turismo Receptivo na Bahia – 2011**. Etapa tradicional: Dezembro. São Paulo. 2012

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contas regionais do Brasil: 2005-2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

\_\_\_\_\_. Cidades: **Canudos**. Brasil. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=290682&search=||infogr% E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 04 out. 2014.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro**. Brasília: PNUD, Ipea, FJP, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

\_\_\_\_\_. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LICKORISH, Leonardo John; JENKINS, Carson. **Introdução ao Turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LEITE, José D. Entrevista com comerciante. **Entrevista concedida às autoras**. Canudos, BA. 01 ago. 2014.

MACEDO, Maria Augusta. Entrevista com artesã do Vaza Barris. **Entrevista concedida às autoras**. Canudos, BA. 01 ago. 2014.

MENDONÇA, E; GARRIDO, I; VASCONCELOS, S. **Turismo e Desenvolvimento sócio-econômico**. O caso da Costa do Descobrimento. Salvador: Omar G. 2000.

MURICY, Ivana Tavares. Potencialidades e limites do turismo para o desenvolvimento das sociedades. In: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Turismo e desenvolvimento na Área de Proteção Ambiental Litoral Norte (BA)**. Salvador: SEI, 2009.

NASCIMENTO, Gleyce S. **Bar da Madalena na beira do açude**. Canudos Velho, 2014. 1 fotografia, color

NEIVA, Luiz Paulo Almeida. **A intervenção do Estado no desenvolvimento local: o caso de Canudos: Açude de Cocorobó**. Dissertação (Mestrado). Escola de Agronomia. Universidade Federal da Bahia. Cruz das Almas, Ba, 2000.

PORTAL São Francisco. **Guerra de Canudos**. Disponível em: < <http://www.portalsao-francisco.com.br/alfa/guerra-de-canudos/guerra-de-canudos.php> >. Acesso em 06 de nov. de 2014

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Brasília: PNUD, Ipea, FJP, 2013

RABELO, Joselina O. Entrevista com dona da Pousada Pôr do Sol. **Entrevista concedida às autoras**. Canudos, BA. 01 ago. 2014.

RIBEIRO, Darcy. 1922. **O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

RODRIGUES, Joana de Castro. **Geoturismo: Uma abordagem emergente**. Idanha-a-nova, Portugal, 2009.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Território, patrimônio e turismo com base local – uma relação inequívoca. In: SEABRA; G (Org.) **Turismo de base Local: identidade cultural e desenvolvimento regional**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável**. Campinas: Papirus, 1997.

SAMPAIO, Marcos Guedes Vaz. Reflexões sobre o processo histórico de subdesenvolvimento econômico do semi-árido. SUPERINTENDENCIA DE ESTUDOS ECONOMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Bahia Análise e Dados**. Salvador, 2008.

SILVA, Isaque Miguel. Entrevista com presidente da Cooperativa dos Irrigantes do Vaza Barris. **Entrevista concedida às autoras**. Canudos, BA. 01 ago. 2014a.

SILVA, Evaldo M. Entrevista com pescador. **Entrevista concedida às autoras.** Canudos, BA. 01 ago. 2014b.

SILVA, Lúcia M. Entrevista com pescadora. . **Entrevista concedida às autoras.** Canudos, BA. 01 ago. 2014c.

SILVA, Roberto Marinho Alves da . **Entre o Combate á seca e a convivência com o semi – árido:** transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. Tese de Doutorado – Universidade de Brasília Centro de Desenvolvimento Sustentável. Distrito Federal, 2006

SILVA, José Calasans Brandão. **Cartografia de Canudos.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, EGBA, 1997.

SANT’ANNA, D; OLIVEIRA, M; BERENSTEIN, S. **Gestão participativa para um turismo sustentável.** O caso da Costa do Descobrimento. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2001.

SANTOS, Carlos Alberto. Entrevista com dono do Hotel Brasil. **Entrevista concedida às autoras.** Canudos, BA. 01 ago. 2014.

SEABRA, Giovanni de Farias. **O turismo sertanejo como alternativa econômica para o semi-árido.** Paraíba: Departamento de Geociências/UFPB, 2003

SEGUINDO os passos da História. **Canudos:** Esperança e Tragédia. Disponível em: <<http://seguindopassoshistoria.blogspot.com.br/search?q=CANUDOS>> Acesso em 06 de nov. de 2014

SOUZA, Rubenilson M. Entrevista com representante da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer. **Entrevista concedida às autoras.** Canudos, BA. 01 ago. 2014.

SOUZA, Marcelo José Lopes. **Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local?** In: RODRIGUES; A (Org.) Turismo e desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEI.Superintendência De Estudos Econômicos E Sociais Da Bahia. **Estatística dos municípios baianos:** sertão do São Francisco. Salvador: SEI, 2012.

TRAVESSA, Manoel. Entrevista com morador e comerciante. **Entrevista concedida às autoras.** Canudos, BA. 31 jul. 2014.

ULTRAMARI, Clovis; DUARTE, Fábio. **Desenvolvimento local e regional.** – Curitiba: Ibpx, 2009.

VALE, Sivanildo do. Entrevista realizada com gerente de hotel. **Entrevista concedida às autoras.** Canudos, BA. 01 ago. 2014.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Ser - tão Baiano:** O lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana. (Dissertação de Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

VIEIRA, Juliane. **Roteiro Navegável nas Águas do Açude de Cocorobó**. Salvador, 2014. 1 mapa, color

YOUELL, Ray. **Turismo**: uma introdução. [tradução Beth Honorato] São Paulo: Contexto, 2002.

**APÊNDICE A – Entrevista com escritor**

**Entrevistado: Eldon Canário.**

**Profissão: Escritor.**

**Dia: 23 de julho de 2014.**

**1 Como morador da Segunda Canudos, que viveu no sítio histórico da Guerra de Canudos, como foi ter que sair desse local e ir para a antiga fazenda Cocorobó?**

**2 Como o senhor percebe atualmente essa relação da população de Canudos com o açude?**

**3 Tinha condições técnicas para construir o açude nessa área?**

**4 O senhor acha que o açude é um atrativo turístico?**

**5 De que forma o Turismo a partir do Açude de Cocorobó, pode melhorar a vida da população? Ou Como o senhor avalia os impactos que o turismo pode ocasionar no Açude Cocorobó?**

**6 Como o senhor percebe os investimentos do governo no que diz respeito o Turismo em Canudos?**

**7 Pode-se afirmar que a ida de Getúlio Vargas á Canudos esteja relacionada com a construção do açude?**

**APÊNDICE B – Entrevista com morador e comerciante**

**Entrevistado: Manoel Travessa**

**Profissão: Comerciante, dono do restaurante Belo Monte em Bendegó.**

**Dia: 31 de julho de 2014**

**1 O senhor vive em qual comunidade?**

**2 Qual a distância dessa comunidade para o açude?**

**3 O senhor faz uso do açude de Cocorobó?**

**4 De que forma?**

**5 O senhor sabe a relação da guerra de Canudos com o açude de Cocorobó?**

**6 O açude ajudou a melhorar a vida do senhor de alguma forma?**

**7 E melhorou a vida dessas pessoas como?**

**8 Já houve alguma iniciativa dos moradores para melhorar essa situação?**

**9 O senhor acredita que o açude está sendo aproveitado como deveria?**

**10 O senhor acha que o açude de Cocorobó é importante para o Turismo na região?**

**11 O seu trabalho aqui tem alguma relação com o turismo de Canudos?**

**12 Se o senhor pudesse fazer um pedido ao prefeito para melhorar algo em relação ao açude, o que o senhor pediria?**

**13 Esse museu fica aonde?**

**14 O turista que vem a Canudos vem mais de onde?**

**15 Então vem mais gente de fora do que brasileiro?**

**APÊNDICE C – Entrevista com professor**

**Nome: Roberto Dantas**

**Profissão: Professor/ Historiador/ Documentarista**

**Dia: 31 de julho de 2014.**

**1 Sabe-se a importância que tem a construção de açudes em regiões secas, como no sertão de Canudos. O que significa construir um açude num local histórico?**

**2 Em seus estudos, sobre Canudos, o senhor encontrou alguma documentação, ou prova palpável sobre o envolvimento de Getúlio Vargas com a construção do açude de Cocorobó?**

**3 Do ponto de vista econômico e social, o senhor acredita que a construção do açude de Cocorobó, contribuiu para melhorar a vida da população local? De que forma?**

**4 Do ponto de vista do turismo, é possível aproveitar melhor o açude? Se sim, de que forma?**

**5 O senhor acredita no potencial, por exemplo, de ofertar ao visitante e/ou turista e até mesmo a comunidade local, um roteiro navegável saindo da Segunda Canudos com destino a Canudos Atual?**

**6 O senhor sabe quanto tempo leva uma travessia de barco, saindo do Alto Alegre para a Canudos atual?**

**7 Se pudesse elencar os principais atrativos turísticos que estão em torno do açude, quais seriam estes?**

**APÊNDICE D – Entrevista com vereador de Canudos**

**Entrevistado: João Felipe Barbosa de Almeida**  
**Profissão: Vereador, Vaqueiro e Agropecuarista.**  
**Data: 31 de julho de 2014.**

- 1 Há quanto tempo o senhor é vereador de Canudos?**
- 2 Enquanto vereador o senhor pode observar a economia da região. Dentre elas, qual a atividade que mais circula em Canudos?**
- 3 Falando em banana, chega-se ao açude de Cocorobó. A construção do açude melhorou a vida das pessoas que vivem na região?**
- 4 O senhor considera o açude de Cocorobó um atrativo turístico?**
- 5 A construção de um roteiro navegável por essas águas seria uma boa sugestão?**
- 6 Em relação à represa, quantas comunidades ela abastece?**
- 7 Como você traduziria a função econômica desse açude para a população de Canudos?**
- 8 Comente sobre o potencial agricultável do açude para as comunidades ribeirinhas.**
- 9 As margens do açude são agricultáveis?**
- 10 Existe a questão de entulho dentro do açude?**
- 11 Como o senhor percebe o relacionamento da comunidade para com o açude?**
- 12 Enquanto vereador não existe projetos para reverter essa situação?**
- 13 E existem políticas públicas em relação ao açude?**
- 14 Em relação ao turismo o senhor percebe alguma ação do governo do Estado para desenvolver melhor a atividade?**

**APÊNDICE E – Entrevista com representante do DNOCS**

**Entrevistado: Wilson Rebelo de Araújo**

**Profissão: Técnico de Agropecuária**

**Data: 01 de agosto de 2014.**

**1 O senhor nasceu em Canudos?**

**2 Há quanto tempo o senhor atua nesse cargo?**

**3 O senhor está aqui em Canudos há quanto tempo?**

**4 Por que construir um açude justamente num local histórico? Não havia outra opção?**

**5 E no Caipã, haveria a possibilidade do açude ser construído lá?**

**6 Quantas comunidades o açude abastece?**

**7 Um dos problemas que vêm aparecendo, é a grande concentração de lixo no açude, tem alguma iniciativa do DNOCS pra combater isso?**

**8 Quais as principais atividades econômicas envolvidas com o açude de Cocorobó?**

**9 O que é projeto tanque-rede?**

**10 Nos períodos de seca prolongada, onde inclusive as ruínas da Segunda Canudos ficam totalmente amostra, como as comunidades, em especial, as que dependem do açude, conseguem sobreviver?**

**11 E a produção de cocô, nesse caso, ela é destaque na região? Tem sofrido com a seca que ocorre em alguns períodos?**

**12 E a apicultura?**

**13 Em falar em água, a capacidade máxima do açude é qual?**

**14 O senhor acredita que o açude apresenta um potencial para o desenvolvimento do turismo?**

**15 Então seria possível conhecer a história de Canudos através da navegação no açude?**

**16 As ações do DNOCS de um modo geral visam combater os sofrimentos gerados pela seca e o açude de Cocorobó por um lado tinha essa proposta, de combater o sofrimento do sertanejo diante da fome, ensejando entre outros benefícios à geração de renda. Mas por qual razão o açude de Cocorobó, mesmo tendo passado mais de 40 anos desde sua implantação, não conseguiu melhorar de forma significativa as condições de vida, a educação, a saúde, daqueles que mais necessitam?**

**17 Esse terreno daqui de vocês, que envolve todas essas cercanias do açude ainda é da União, do DNOCS?**

**18 O que é terreno do DNOCS, o que é terreno da prefeitura?**

**19 Em se tratando de propor um roteiro navegável pelas águas do açude, quais seriam as etapas pra essa execução?**

**APÊNDICE F – Entrevista com artesã do Vaza Barris**

**Entrevistado: Maria Augusta Macedo**

**Endereço: Comunidade 150**

**Profissão: Professora e artesã**

**Data: 01 de agosto de 2014**

**1 Quando foi fundada a Associação de Artesãs do Vaza Barris?**

**2 Como surgiu essa ideia?**

**3 Atualmente, quantas mulheres fazem parte da associação?**

**4 Qual a importância do açude de Cocorobó, ou do perímetro irrigado, para a realização do trabalho que a associação desenvolve?**

**5 Qual a importância da produção do coco para a economia da região? Em relação ao coco, qual a posição que ele ocupa?**

**6 Mas vocês já chegaram a trabalhar com o coco?**

**7 Porém, o que mais predomina mesmo é a banana?**

**8 E pra diversificar, ter essa variedade, o que seria necessário fazer?**

**9 A associação conta com o apoio do poder local e/ou de patrocínio para desenvolver esse trabalho e divulgá-lo?**

**10 E a prefeitura não tem contribuído pra colocar um espaço de visibilidade pra senhora?**

**11 A senhora acredita que o turismo contribui para desenvolver economicamente o trabalho que a associação desenvolve?**

**12 Esse turista é nacional ou vem também estrangeiro?**

**13 O que representa ser uma artesã no sertão da Bahia?**

**14 Tem alguma artesã que sobrevive apenas do produto da banana?**

**15 O que vocês precisam fazer pra escolha dessa palha?**

**APÊNDICE G – Entrevista com presidente da Cooperativa dos Irrigantes**

**Entrevistado: Isaque Miguel Silva**

**Profissão: Presidente da Cooperativa dos Irrigantes do Vaza Barris**

**Data: 01 de agosto de 2014**

**1 Qual a importância do açude de Cocorobó para Cooperativa de Irrigantes do Vaza Barris?**

**2 Quantas pessoas ao todo têm na Cooperativa?**

**3 A renda dessas pessoas se baseia nesse trabalho somente?**

**4 O senhor acredita que essas pessoas que vivem aqui tem conhecimento da história do açude de Cocorobó?**

**5 Nos períodos de seca como a produção é afetada?**

**6 Os produtos, no caso a banana, abastece somente a população local ou também é exportado?**

**7 Além da banana quais outros produtos que se destacam na produção?**

**8 O que o senhor poderia dizer ,de uma maneira geral, do trabalho das Artesãs, do seu trabalho, da relação com o açude e o turismo?**

**9 O senhor citou seu pai, o que me preocupa é o seguinte... claro que há necessidade dos meninos estudarem, vocês não se preocupam com essa continuidade deixar de existir, por exemplo, os irrigantes?**

**10 E em relação a continuidade dos filhos com o trabalho dos pais?**

## **APÊNDICE H – Entrevista com representante da Prefeitura**

**Entrevistado: Rubenilson Macedo Souza**

**Profissão: Agente comunitário e secretário da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer**

**Data: 01 de agosto de 2014**

**1 Há quanto tempo o senhor ocupa esse cargo?**

**2 Qual a atividade que mais movimentava a economia da região?**

**3 Um açude é uma dádiva numa região que sofre com a seca. O senhor acha que o açude de Cocorobó melhorou a vida das pessoas que vivem aqui?**

**4 O senhor considera o açude de Cocorobó um atrativo turístico?**

**5 A população tem o devido conhecimento sobre a história do açude de Cocorobó no que remete à Guerra de Canudos?**

**6 Atualmente essa represa abastece quantas comunidades?**

**7 Existem políticas públicas voltadas para um melhor aproveitamento do açude de Cocorobó?**

**8 Pode citar alguma?**

**9 E em relação ao turismo, existe alguma política pública voltada para a realização do turismo no açude?**

**10 Quais potencialidades do açude o senhor detecta de imediato?**

**11 Então o senhor acredita que é viável um roteiro turístico navegável?**

**APÊNDICE I – Entrevista realizada com gerente do Canudos Palace Hotel**

**Entrevistado: Sivanildo do Vale**  
**Profissão: Gerente do Palace Hotel**  
**Data: 01 de agosto de 2014**

- 1 Qual a época do ano que aumenta a demanda de turistas no hotel?**
- 2 De onde eles vêm?**
- 3 Qual a faixa etária predominante desses turistas?**
- 4 Eles permanecem em Canudos em média quantos dias?**
- 5 Quando os turistas chegam ao hotel, eles têm interesse de conhecer o açude de Cocorobó, sítio histórico da Guerra de Canudos?**
- 6 Qual o atrativo que mais o interessa?**
- 7 Qual a quantidade total de leitos desse hotel?**
- 8 O hotel tem algum guia que possa conduzir o pessoal?**
- 9 Mas é um guia de turismo credenciado?**
- 10 Vocês têm parceira também com agências e locadoras de veículos?**
- 11 Você acredita que o município de Canudos, em razão dos atrativos turísticos que possui, está preparado em termos de infraestrutura e serviços para receber bem os turistas?**
- 12 O que poderia ser feito para melhorar?**
- 13 Ao todo são quantos hotéis aqui?**
- 14 Como morador, como você percebe o conhecimento da população em relação a história do açude de Cocorobó?**
- 15 Se nós fossemos ofertar um roteiro turístico navegável nas águas do açude, saindo da serra de Cocorobó pra Canudos atual e do contrário também. O senhor acolheria essa proposta, acha que seria um meio de potencializar o turismo aqui em Canudos?**

**APÊNDICE J – Entrevista com dona da Pousada Pôr do Sol**

**Entrevistado: Joselina Oliveira Rabelo**

**Profissão: Aposentada e dona da Pousada Pôr do Sol**

**Data: 01 de agosto de 2014**

- 1 Qual a época do ano que aumenta a demanda de turistas aqui na pousada?**
- 2 De onde vem a maioria desses turistas?**
- 3 Qual a faixa etária predominante desses turistas.**
- 4 Eles permanecem em Canudos em média quantos dias?**
- 5 Quando eles chegam aqui eles tem interesse de conhecer o açude de Cocorobó?**
- 6 Qual atrativo que mais interessa o turista geralmente?**
- 7 A senhora teria informações de quantos turistas o hotel recebe por mês?**
- 8 Qual a quantidade total de leitos da pousada?**
- 9 A pousada tem alguma parceria com guias de turismo, agencias, ou locadoras de veículos?**
- 10 A senhora acredita que o município de Canudos em razão dos atrativos turísticos que possui está preparado em termos de infraestrutura e serviços para receber bem os turistas?**
- 11 Como moradora, como a senhora percebe o conhecimento da população em relação a historia do açude de Cocorobó?**
- 12 Em relação ao turismo, a senhora acredita que o açude ele pode ser melhor aproveitado?**

**APÊNDICE K - Entrevista com dono do Hotel Brasil**

**Entrevistado: Carlos Alberto dos Santos**

**Profissão: gerente e dono do Hotel Brasil**

**Data: 01 de agosto de 2014**

**1 Qual a época do ano que aumenta a demanda de turistas no hotel?**

**2 Por quê?**

**3 No caso, o senhor acha que seja algum problema de divulgação de Canudos?**

**4 Eles permanecem em Canudos em média quantos dias?**

**5 Quando os turistas chegam ao hotel, eles têm interesse de conhecer o açude de Cocorobó, sítio histórico da Guerra de Canudos?**

**6 Qual a quantidade total de leitos desse hotel?**

**7 Então o que senhor acha que falta em Canudos pra dar visibilidade a esse potencial que ele tem, em termos de infraestrutura, de serviços?**

**APÊNDICE L – Entrevista com comerciante**

**Entrevistado: José Dias Leite**  
**Profissão: Dono de restaurante**  
**Dia: 01 de agosto de 2014**

- 1 Qual o período do ano que aumenta o número de clientes?**
- 2 Por aumentar essa quantidade de pessoas aqui, aumenta também o número de funcionários?**
- 3 Qual a capacidade máxima de clientes que o restaurante suporta?**
- 4 O senhor utiliza peixe do açude para servir no restaurante?**
- 5 Qual peixe?**
- 6 E o senhor compra quanto por mês?**
- 7 Do açude o senhor só consome o peixe?**
- 8 Como o senhor percebe o açude e a história de Canudos.**
- 9 Que benefícios o açude você acha que hoje ele dá aqui para cidade de Canudos?**
- 10 O senhor acha que se houvesse um aumento no número de turistas aqui o seu negócio se beneficiaria também?**
- 11 Então o movimento de turistas ainda é fraco?**
- 12 Se fossemos propor um roteiro navegável pelo açude o senhor apoiaria esse projeto?**
- 13 E na época que você trabalhou lá no Jorrinho, há uma diferenciação do seu contato com o turista enquanto você explorava o bar de lá e a sua propriedade aqui hoje?**
- 14 Você acabou de dizer dessa importância do Jorrinho do DNOCS com relação à presença do turista aqui. Em sua opinião muito sincera, por que não se investe como se deveria ali naquele Jorrinho?**
- 15 E não tinha como renovar o seu contrato?**
- 16 E em época de seca como que a baixa do açude afeta aqui o funcionamento do restaurante?**
- 17 E vem turista de onde?**

**APÊNDICE M – Entrevista com pescador**

**Entrevistado: Evaldo Malaquias da Silva**

**Profissão: Representante da colônia de Pescadores Z-45**

**Dia: 01 de agosto de 2014**

**1 Quando foi fundado a Colônia de Pescadores?**

**2 De que maneira essa Colônia atua?**

**3 Existem exatamente quantas pessoas?**

**4 Qual a importância do açude de Cocorobó para a realização do trabalho que a Colônia faz?**

**5 Existe algum projeto dos poderes públicos ou algum de iniciativa privada para auxiliar no desenvolvimento desse trabalho?**

**6 E curso ninguém oferece a vocês?**

**7 E a UNEB auxilia em alguma coisa?**

**8 Comente um pouco sobre o tanque rede. Como ele funciona?**

**9 E quais os peixes que estão presentes aí no açude?**

**10 Qual a quantidade de peixes que pega por mês?**

**11 E como acontece, o pescador já tem um fornecedor certo para vender esse peixe?**

**12 No período de seca, diminui a produção?**

**13 Dá para sobreviver apenas com o que se tira do açude?**

**14 Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos pescadores em relação ao açude?**

**15 O senhor acha que o açude de Cocorobó seja um importante atrativo turístico do município?**

**16 O senhor sugere alguma coisa?**

**17 Como você ver o turismo em Canudos de maneira geral?**

**18 Em relação ao trabalho das Artesãs de Fibra o senhor considera importante?**

**19 O pescador aprovaria a implantação de um roteiro navegável pelo açude?**

**APÊNDICE N – Entrevista com pescadora****Entrevistado: Lucia Malaquias da Silva****Profissão: Presidente da Colônia de Pescadores Z-45****Data: 01 de agosto de 2014****1 Qual a importância do açude de Cocorobó para o trabalho que a Colônia desenvolve?****2 Essa se constitui na maioria da parte a única renda desses pescadores?****3 Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos pescadores no açude?****4 A senhora acredita que o açude de Cocorobó é um atrativo turístico?****5 A senhora poderia dar sugestões de como melhorar o turismo no açude?****6 A senhora seria a favor de um roteiro navegável pelo açude?**

**APÊNDICE O – Entrevista com professor**

**Nome: Roberto Dantas**

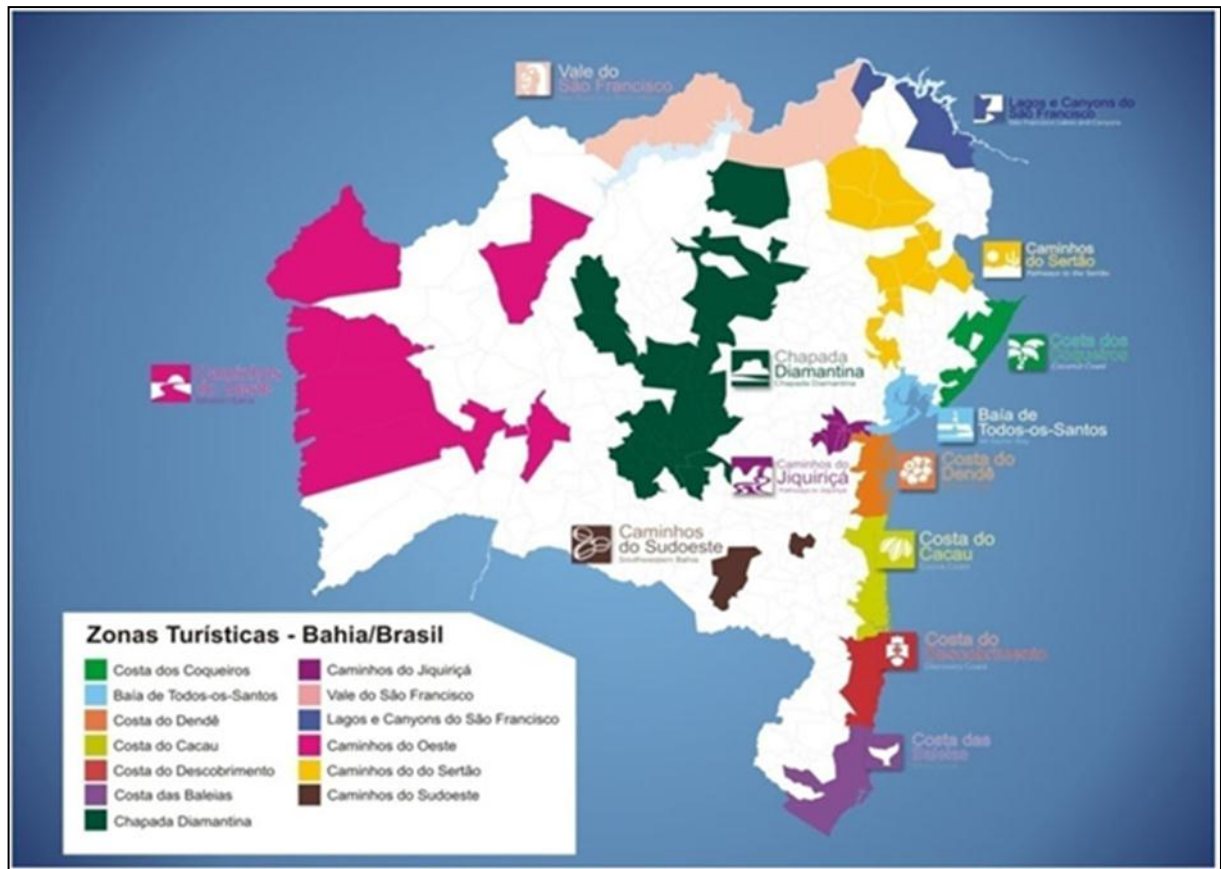
**Profissão: Professor/ Historiador/ Documentarista**

**Dia: 15 de outubro de 2014**

**1 Quais os principais aspectos culturais de Canudos?**

**2 De que forma o turismo pode dar maior visibilidade a essas manifestações?**

## ANEXO A – Representação geográfica da zona turística Caminhos do Sertão.



Fonte: Bahia (2014).